



Autor: Fernanda dos Santos Teodoro
Orientadora: Profª DndMse. Márcia Pereira Bernardes

**A UTILIZAÇÃO DO BRINCAR COMO UM FACILITADOR
NA ARTE DE REVELAR-SE**

Florianópolis/SC
2018

LOCUS PSICODRAMA

Autor: Fernanda dos Santos Teodoro

Orientadora: Profª Msc Márcia Pereira Bernardes

A UTILIZAÇÃO DO BRINCAR COMO UM FACILITADOR NA ARTE DE REVELAR-SE

Trabalho de Conclusão no Curso de ~~formação~~ Especialização em Psicodrama da ~~Locus Psicodrama em parceria com o~~ IERGS, Instituto Educacional do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista em Psicodramatista nível I ~~Foco~~ Psicoterapêutico.

Florianópolis/SC
2018

**A UTILIZAÇÃO DO BRINCAR COMO UM FACILITADOR NA ARTE
DE REVELAR-SE**

Por
Fernanda dos Santos Teodoro

Esta monografia apresentada à Banca Examinadora foi avaliada e julgada aprovada para obtenção do título de Especialista em Psicodrama, ~~Nível I – Foco Psicoterápico no Curso de Formação da Locus Psicodrama, em parceria com o~~ IERGS.

Profª Doutoranda Psic. Márcia Pereira Bernardes
Coordenadora e professora orientadora

Prof Dr. Harryson Luiz da Silva
Professor convidado

~~Prof. Dr. Marcos de Noronha Ribeiro- Médio Psiquiatra~~
Professor Convidado

Formatted: Not Highlight

Florianópolis/SC

2018

AGRADECIMENTOS

Pessoas importantes que cruzaram a minha vida e sem as quais nada seria possível o meu eterno agradecimento.

Minha professora e Orientadora Profª Msc. Márcia Pereira Bernardes, obrigada por compartilhar os conhecimentos em aulas, em supervisões, nos momentos de descontração. Obrigada pela paciência, pelos “puxões de orelha” merecidos, e por ter aceitado me orientar nesta reta final. Um obrigada pra lá de especial.

Aos ~~Doutor~~ Harryson Luiz da Silva e ao ~~M~~ médico ~~Psiquiatra~~ Marcos de Noronha, ~~membros~~ da banca examinadora contribuições, sugestões e avaliação.

A Clínica Locus, onde ~~amo~~ ~~amei~~ estagiar e faço dela uma extensão da minha casa. Ao grupo de pessoas da recepção, que para mim é o coração da clínica, que sem elas a clínica não funcionaria, Andreia e Renata. Ao Raymond pela organização e limpeza da clínica.

A Katuza e a Thais que me acolheram de uma maneira ímpar quando comecei a atender na Clínica e toda a equipe de psicólogos e a estagiária, pessoas que fizeram e fazem parte do meu coração.

Quero agradecer também a minha '*BFF*' Cintia Eufrásio por entender a minha ausência.

A minha família, o meu muito obrigada pelo apoio em especial a Maninha, Renata e Christine. Amo vocês.

E por último, a pessoa mais importante da minha vida, que sem ela nada teria acontecido, minha mãe, que abriu mão do seu merecido descansar aos 50 anos, me escolheu para fazer parte da sua vida. Pilar da minha existência, de quem nunca vou esquecer e eternamente vou amar,

Mãe obrigada!!!!

Formatted: Not Highlight

Formatted: Not Highlight

Formatted: Not Highlight

Formatted: Not Highlight

Formatted: Not Highlight

RESUMO

Este trabalho é sobre Psicoterapia, em sua dimensão psicodramática infantil, o qual tem como pergunta de pesquisa: como o uso do brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil. A hipótese é que 'o brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil por meio das técnicas psicodramáticas utilizando a espontaneidade e a criatividade da criança nas suas ações'. Tem como objetivo geral o descrever como o brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil. Para tanto foram pesquisados três casos clínicos com pacientes infantis da Clínica Locus. Metodologicamente, classifica-se como uma pesquisa-ação aplicada, científica, qualitativa, fenomenológica e transversal. Os resultados encontrados indicam todas as quatro crianças pesquisadas possuíam vínculos com a psicóloga, e que, por meio da tele e de técnicas como átomo social, tomada de papéis, solilóquio, duplo e espelho as crianças puderam revelar-se e permitir o resgate da espontaneidade e criatividade. Conclui-se principalmente que as crianças estudadas revelaram através do brincar.

Palavras-chave: Crianças. Brincar. Psicodrama.

ABSTRACT

This work is about Psychotherapy, in its child psychodramatic dimension, it has as a research question: how the use of play facilitates the art of revealing itself in children's psychodramatic psychotherapy. The hypothesis is that 'the play facilitates the art of revealing itself in child psychodramatic psychotherapy through psychodramatic techniques using the spontaneity and creativity of the child in his or her actions.' Its general purpose is to describe how the game play facilitates the art of revealing itself in children's psychodramatic psychotherapy. For this, three clinical cases were investigated with children from the Locus Clinic. Methodologically, it is classified as applied research, scientific, qualitative, phenomenological and transversal. The results indicated that all four children had links with the psychologist, and that through TV and techniques such as social atom, role-playing, soliloquy, double and mirror the children could reveal themselves and allow the rescue of spontaneity and creativity. It is mainly concluded that the children studied revealed through play.

Keywords: Children. Play. Psychodrama.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Psicodrama clássico.	44
Figura 2 – Quadro dos sentimentos	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Caracterização da pesquisa54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de artigos nas bases de dados	19
Tabela 2- Estimativa da população brasileira de 0 - 12 anos	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	ORIGEM DO TRABALHO	15
1.2	PROBLEMA DA PESQUISA	15
1.3	OBJETIVOS	16
1.3.1	Objetivo geral.....	16
1.3.2	Objetivos específicos.....	16
1.4	HIPÓTESE LEVANTADA	16
1.5	DELIMITAÇÃO DO TEMA	16
1.6	JUSTIFICATIVA.....	17
1.7	ESTRUTURA DO TRABALHO	20
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	CRIANÇA	22
2.1.1	Entendimento da criança na história da humanidade.....	24
2.1.2	O brincar.....	26
2.1.2.1	Brincadeira, brinquedo e jogo	28
2.1.2.1.1	<i>Jogos psicodramáticos</i>	30
2.1.2.2	Tipos de brincar.....	32
2.2	PSICODRAMA.....	34
2.2.1	Criatividade, espontaneidade e conserva cultural	35
2.2.2	Teoria da matriz de identidade	37
2.2.3	Teoria dos papéis	39
2.2.4	Teoria do momento	40
2.2.5	Tele, empatia, transferência e encontro	41
2.2.6	Técnicas psicodramáticas	42
2.3	PSICODRAMA CLÍNICO	44
2.3.1	Psicoterapia com crianças	47

2.3.2	A criança na história de J. L. Moreno	48
2.3.3	Psicodrama com criança	50
2.3.3.1	Etapas do diagnóstico da criança	51
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	53
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	55
4.1	CASOS CLÍNICOS	56
4.1.1	Paciente Bruno	56
4.1.2	Paciente Arthur	59
4.1.3	Paciente Francisco	61
4.1.4	Paciente Vicente	64
4.2	ANÁLISE DOS RESULTADOS	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ...	79

1 INTRODUÇÃO

1.1 ORIGEM DO TRABALHO

Desde o começo da minha vida acadêmica tinha apenas uma certeza, queria ser psicanalista. Já estagiando na área da psicanálise, faltando um semestre na faculdade, tive um acidente de percurso, um tornozelo fraturado, e para poder caminhar precisei de ajuda de uma amiga e foi assim que tive que mudar o dia do meu estágio sem que pudesse escolher a área a seguir. Fui obrigada a estagiar no método psicodramático. Em busca de mais conhecimento e quase que num passo de mágica me apaixonei pela psicoterapia psicodramática, criada por Jacob Levy Moreno (1889 – 1974).

Assim que me formei fui em busca da especialização em psicodrama e comecei a atender como psicóloga na Clínica Locus Psicodrama. Meus primeiros pacientes foram surgindo, iniciando com atendimento individual com adultos, sendo estes mais tranquilos, pois sabiam expressar seus conflitos, sentimentos, por meio da fala e das técnicas utilizadas. Todavia, logo me deparei com meus primeiros desafios, os atendimentos infantis, onde quem apresenta a demanda das mesmas são seus familiares, responsáveis, mesmo quando encaminhadas da escola.

Começaram então novos questionamentos, a saber, como fazer com que a criança fale de seus sofrimentos, de suas angústias, suas emoções e seus medos? Como o uso do brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil, dentre outros.

Assim sendo, esta foi a minha motivação para a realização desta pesquisa.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Como o uso do brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Descrever como o brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil.

1.3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o universo da criança;
- Identificar no psicodrama facilitadores do revelar-se na psicoterapia infantil;
- Aplicar as brincadeiras para facilitar na arte de revelar-se;
- Caracterizar o brincar e a brincadeira
- Descrever os resultados.

1.4 HIPÓTESE LEVANTADA

O brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil por meio das técnicas psicodramáticas utilizando a espontaneidade e a criatividade da criança nas suas ações.

1.5 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa tem como tema a psicoterapia psicodramática e está focada na criança, mais especificamente as que são pacientes da Clínica Locus, localizada no município de Florianópolis/SC. A Clínica oferece serviço de psicoterapia psicodramática para o público em geral, com atendimentos bipessoal e grupal para diversas faixas etárias, incluindo crianças.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 1990, p.1), criado pela lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990, em seu Art. 2º diz: "Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade".

Nesse sentido, o estudo constou de sessões de anamnese com os pais com o propósito de obter um histórico da criança e sessões com a finalidade de estabelecer e fortalecer o vínculo, com o pesquisador, de maneira descontraída no *setting* terapêutico. Na sequência foram realizadas diversas sessões psicoterápicas com a utilização de jogos e técnicas psicodramáticas, cujos recortes constituem esta pesquisa.

1.6 JUSTIFICATIVA

Este trabalho que tem como objetivo geral descrever como o brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil é relevante tanto cientificamente como socialmente, na medida em que responde a seguinte pergunta de pesquisa: Como o uso do brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil?

Isso posto, de acordo com Brasil (1998), o brincar é fundamental para o desenvolvimento da identidade e autonomia da criança. É brincando que a criança vai desenvolver a importante capacidade de atenção, imitação, memória e imaginação, interação social, experimentação de regras e papéis sociais.

Com relação a imitação e imaginação, a criança muitas vezes, na brincadeira de faz-de-conta, experimenta a diferenciação de papéis,

pai, a mãe, o filhinho, o médico, o paciente, heróis e vilões etc., imitando e recriando personagens observados ou imaginados nas suas vivências. A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro. (BRASIL, 1998, p.23).

O brincar para a criança, é apontado pelos psicólogos, filósofos, médicos e educadores, como parte importante do desenvolvimento físico (motor), na medida em que correr, saltar e pular desenvolve o corpo; do desenvolvimento intelectual (cognitivo), pois jogos de escritas e matemática desenvolvem a intelectualidade; do desenvolvimento social, visto que a criança vai se internalizando às normas sociais assumindo comportamentos vivenciados no cotidiano e vai se constituindo, ainda, do desenvolvimento emocional, uma vez que dá segurança e confiança.

Em se tratando de educação infantil, tem-se em Brasil (1994), as diretrizes que orientarão as ações de Educação Infantil, que se baseiam em princípios, dos quais destaca-se:

A Educação Infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade. (BRASIL, 1994, p.14).

Como se observa em Escobar (2018, p.1), “quando falamos da importância do brincar, em geral pensamos nos benefícios sociais, culturais, emocionais e cognitivos para a criança. Mas nem sempre lembramos também do quão fisicamente saudável é brincar”.

Para Lorencini e Ferrari (2002), o brincar é algo sério e que também é muito importante para o desenvolvimento emocional da criança, onde o adulto deve ajudá-las nas brincadeiras, de forma a exercitarem a mente e o corpo aprendendo lições básicas sobre o mundo. Ainda, conforme os autores, tais como a personalidade do adulto, a personalidade das crianças vai evoluindo por intermédio das suas brincadeiras e das intervenções feita por outras crianças e por adultos.

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante na sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. (LORENCINI; FERRARI, 2002, p.250).

A importância da brincadeira não serve somente para o desenvolvimento da criança, mas também para resolução de seus problemas. Como observa-se em Miranda e Cohen (2003), o brincar atua de maneira a diminuir o sofrimento psíquico da criança, diminuindo a tensão causada por situações difíceis vivenciadas pela criança.

Quando a criança está com alguma dificuldade ou em algum tipo de sofrimento emocional ou social, o brincar é importante no seu tratamento.

Assim, encontra-se no profissional de psicologia a pessoa indicada para o seu tratamento. É o psicólogo, por meio de técnicas de terapêuticas, quem irá facilitar a mudança para o bem-estar da criança. As crianças chegam aos consultórios com sofrimentos, tais como: dificuldade de relacionamento, autismo, déficit de atenção com hiperatividade, encoprese, enurese, dificuldade de aprendizagem, medos e agressividade, entre outras.

A fase do diagnóstico é muito difícil para o psicólogo, pois a criança tem dificuldade de expressar o que sente. Como a criança não tem a capacidade de

verbalizar racionalmente como o adulto, no seu tratamento, o profissional tem que encontrar alternativas para que ela fale e uma das alternativas é o brincar, onde a criança, normalmente, traz à tona conteúdos que ainda não foram revelados, como segredos, medos e problemas ocultos.

Petrilli (PETRILLI, 1995 apud PETRILLI, 2002), afirma que no ensino do Brasil a inclusão do psicodrama nas disciplinas, na orientação de núcleos e estágios nas universidades de psicologia e medicina são poucos voltadas aos atendimentos com crianças. Dessa maneira afirma que

[...] levando em conta o número de psicodramatistas brasileiros, poucos tem se dedicado especialmente à infância e ao aprofundamento de estudos nesta área. Poucos formadores, poucos formados, escassez de publicações, indefinição e lento caminhar. Assim eu percebo o psicodrama com crianças no Brasil, uma psicoterapia em desenvolvimento. (PETRILLI, 1995 apud PETRILLI, 2002, p.3).

Para este estudo foi realizada uma consulta acerca da produção científica nas bases de dados, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), *Web of Science* (WoS) e *SCOPUS*. As bases de dados foram escolhidas pela amplitude de indexadores, periódicos e popularidade. (Tabela 1).

Tabela 1 - Quantidade de artigos nas bases de dados

Base de dados	Número de artigos
<i>Scientific Electronic Library Online</i> (SciELO)	0
Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC)	1
<i>Web of Science</i> (WoS)	11
<i>SCOPUS</i>	72
Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap)	0
Escola Lócus	0

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A busca, nas bases *Web of Science* e *SCOPUS*, deu-se através dos descritores “crianças”, “brincar” e “psicodrama”. Para tanto os mesmos foram traduzidos para a língua inglesa de modo a ampliar a busca por se tratarem de

plataformas internacionais, apresentando-se da seguinte forma, “*children*”, “*play*” e “*psychodrama*”. Ainda, foi utilizado o operador booleano “AND” para a busca da combinação entre os descritores.

Na SciELO, as seguintes palavras-chave foram escolhidas para a busca de artigos: Psicodrama e Criança e Brincar. No mesmo índice do PePSIC, foram utilizados os mesmos descritores e com nenhum arquivo foi encontrado.

Igualmente uma busca de revisão dos artigos publicados na Revista Brasileira de Psicodrama, publicação da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap), até a edição 2018.1, foram publicados 232 artigos. Fazendo-se uma busca com os mesmos descritores no banco de dados da Escola Locus, não foi localizada nenhuma publicação sobre este tema.

Para o Psicodrama, o resultado desta pesquisa traz benefícios para os alunos de formação, tanto por terem conhecimento acerca da psicoterapia psicodramática na infância como por contribuir para atender essa demanda.

É igualmente benéfico para os profissionais psicodramatista que trabalham na clínica psicodramática, quer seja com crianças, adolescente ou adultos, por ampliar possibilidades de atuação profissional e compreensão deste universo. De acordo com a coordenação pedagógica da escola Locus, estima-se em aproximadamente 4 mil o número de profissionais psicodramatistas no Brasil. Assim, esta pesquisa tem sua relevância científica e social.

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho está estruturado em 5 capítulos, sendo que:

O primeiro capítulo trata da origem do trabalho, problema de pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos, hipótese levantada, justificativa e este tópico, sobre a estrutura do trabalho.

O marco teórico, apresentado no segundo capítulo, aborda os conceitos e teorias que amparam a realização deste estudo, assim como o universo da psicoterapia infantil, como o conceito de criança, psicodrama e psicodrama clínico. O terceiro capítulo, procedimentos metodológicos, versa sobre o tipo de pesquisa, procedimento de coleta e análise dos dados.

A apresentação e discussão dos resultados encontram-se no quarto capítulo.

No quinto e último capítulo, encontram-se às conclusões do estudo, bem como, as recomendações para futuros trabalhos.

Na parte final do trabalho serão apresentas as referências e anexos..

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CRIANÇA

A população mundial estimada, conforme Brasil (2018) é de 7.6 bilhões de habitantes, dos quais, como se pode perceber na Tabela 2, para uma população de 208.494.900 em 2018 no Brasil, há correspondentes à 16,95% de crianças até doze anos de idade incompletos, totalizando 35.357.805 habitantes, sendo que destes 8,69% são do sexo masculino e 8,26% do sexo feminino.

Esta expansão rápida e contínua da impressão humana num planeta que parece cada vez menor tem sérias implicações em quase todos os aspectos da vida. Questões estas que dizem respeito à saúde e ao envelhecimento, à migração em massa e à urbanização, à demanda por habitação, ao abastecimento inadequado de alimentos, ao acesso à água potável, entre outras. (ONUBR, 2018, p.1).

Tabela 2- Estimativa da população brasileira de 0 - 12 anos.

Idade	Brasil	
	Masculino	Feminino
0	1.524.054	1.454.179
1	1.494.869	1.426.752
2	1.505.463	1.437.205
3	1.536.188	1.466.883
4	1.504.727	1.437.237
5	1.584.214	1.418.051
6	1.487.937	1.421.970
7	1.482.447	1.417.129
8	1.477.996	1.413.450
9	1.499.787	1.434.848
10	1.509.670	1.444.960
11	1.521.042	1.456.747
TOTAL	18.128.394	17.229.411

Fonte: Brasil (2018).

As crianças e os adolescentes brasileiros têm seus direitos assegurados, mundialmente pela convenção dos direitos humanos, bem como, pela Constituição Federal (1988), no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) e nas políticas públicas estaduais e municipais.

Especificamente no Art. 7 da Lei nº 8.069/1990, tem-se que “a criança e o adolescente têm direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.

Todavia essas crianças e adolescentes tem seus direitos violados, no sentido de muitas vezes sofrerem abuso sexual, maus tratos físicos e emocionais, *bullying*, dentre outros.

Conforme OPAS/OMS (2018, p.1),

A violência contra crianças e adolescentes abrange os maus-tratos físicos e emocionais, o abuso sexual e a negligência. Durante a infância, uma em cada quatro crianças sofre maus-tratos físicos, ao passo que quase uma em cada cinco meninas e um em cada 13 meninos são vítimas de abuso sexual. Além disso, o homicídio é uma das cinco principais causas de morte de adolescentes.

Dentre as crianças que compõe o quadro das vítimas de violência no Brasil, um grande número, para não dizer a grande maioria, constitui a população que busca ajuda psicoterápica nos consultórios, como é o caso de algumas crianças, alvo desta pesquisa.

Ferreira (2004) conceitua criança como pessoa de pouca idade, ingênua, que ainda mama no peito, podendo ser menina ou menino. A palavra vem do latim *creantia* que é criar; fazer crescer, já infância é o período do ser humano que vai desde o nascimento até a puberdade, sendo que o significado tem origem latina (*infantia*).

O entendimento de criança “é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época”. (BRASIL, 1994, p.16). Nesse contexto, as crianças de uma mesma cidade, por exemplo, podem ser consideradas pequenas ou não, dependendo da classe social e etnia da qual pertencem.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico; pertence a uma família, que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada

pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca, o que lhe confere a condição de ser humano único, de indivíduo. A criança tem na família - biológica ou não - um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (BRASIL, 1998a).

O período da infância, conforme Ferreira (2004, p.1101), divide-se em três estágios: “Primeira infância, de zero a três anos; segunda infância, de três a sete anos e terceira infância de sete até a puberdade”.

Acerca das definições de infância, Castro (2007, p.4), afirma que é necessário lembrar que as mesmas “podem tomar diferentes formas de acordo com os referenciais que tomamos para concebê-las. [...]. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo”.

Assim, a infância está relacionada ao contexto onde está inserida, como se pode verificar em Kuhlmann Júnior, 2010, p. 30),

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las como produtoras da história.

Com relação a palavra infância Maia (2012) atesta que é complexa, pois o que a criança vive é infância, a qual depende de muitos fatores. Ao comparar as crianças que vem de classes baixas com as de classes mais altas, onde o ambiente em que vivem não é o mesmo, fará toda a diferença como elas vivem sua infância.

Foi com a sociedade capitalista, que a noção de infância surgiu, conforme mudavam a inserção e o papel social dela na comunidade”. (KRAMER, 2006).

2.1.1 Entendimento da criança na história da humanidade

Em seu livro intitulado: História social da criança e da família, Philippe Ariès ao analisar a infância ao longo da história, comenta que no século XIII as crianças eram vistas como adultos em miniaturas e assim, usavam as mesmas roupas, eram tratadas da mesma maneira que o adulto e trabalhavam nos mesmos locais deles. (ARIÈS, 1986).

Na Idade Média (séculos XIV, XV) a sobrevivência da criança era incerta, o índice de mortalidade era muito alto devido à falta de tratamento, elas eram ignoradas e muitas vezes eram cometidas atrocidades a estas crianças como se

fossem objetos ou até animais de estimação, sendo utilizadas como forma de diversão. Era negado o direito de ser crianças.

Passados os cinco ou sete primeiros anos, a criança se fundia sem transição com os adultos: esse sentimento de uma infância curta persistiu do fim do século XV, permanecendo inalterado por muito tempo nas classes populares. (ARIÈS, 1986).

Mas foi após os séculos XVI e XVII que aconteceu uma cisão entre o adulto e a criança, onde a criança não participava tanto mais da vida adulta e assim a criança começou a ganhar seu espaço. (SANT' ANA, 2009).

De acordo com Andrade, Carvalho e Pereira (2016), a criança deixa de aprender como adulto e começa sua própria aprendizagem conforme seu ritmo e vai surgindo sentimentos de carinho por parte da família, havendo, assim, um tratamento diferenciado para a criança.

Para Ariès (1986, p.13), foi aos fins do século XVII e início do XVIII que as famílias passaram a se recolher "longe da rua, da praça, da vida coletiva, e sua retração dentro de uma casa melhor defendida contra os intrusos e melhor preparada para a intimidade".

Sendo assim, que a partir do séc. XVIII começa uma lenta transformação no interior das famílias, surge o sentimento de família marcada pela necessidade e o desejo de privacidade, onde a família começa a viver distante da sociedade. A criança começa a ser vista com um ser dependente, que precisa ser treinada para ser um bom cidadão e tendo como responsável por ela a família. (ANDRADE, 2010).

Na segunda metade do século XIX, conforme Andrade, Carvalho e Pereira (2016), foram criadas creches direcionadas para crianças de zero a três anos, mas os objetivos destas creches não era para educar, pois a responsabilidade da educação da criança ficava com a mãe, mas de incentivar a mãe a não abandonar seus filhos. As crianças nessa época ainda não ocupavam espaços importantes na sociedade.

O reconhecimento da infância enquanto etapa do desenvolvimento humano, nos séculos XIX e XX, faz surgir a infância científica, com a propagação de conhecimentos construídos por várias áreas do saber, o que determinará um conjunto de teorias e práticas a serem desenvolvidas para cuidar dessa categoria. São divulgadas normas de higiene e cuidados com as crianças, investe-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches e jardins da infância, enfim, cria-se a denominada infância atendida. (ANDRADE, 2010, p. 59-60).

Já ao longo do século XX, Henick e Faria (2015), atestam que há um esforço do reconhecimento da infância no desenvolvimento humano, onde começa a preocupação com a educação pedagógica e a criança começa a ser inserida na sociedade. As mães começam a serem introduzidas no mercado de trabalho, sendo assim, os cuidados das crianças ficaram para as creches.

Nesse processo histórico de transformação, a creche tem uma grande importância na educação da criança:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Apesar das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIES, 1986, p. 7).

No processo de escolarização da infância, Gomes (2015) diz que, a antecipação da alfabetização da criança preocupa, pois acaba colocando em segundo plano as demais atividades que não são diretamente relacionadas com as habilidades, leitura, matemática, etc., o que se pode observar da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

2.1.2 O brincar

De acordo com Sant' Anna e Nascimento (2011) a palavra 'lúdico' vem do latim *ludus* que significa brincar ou jogar. O brincar vem desde a história da humanidade e vai se modificando conforme o tempo até os dias de hoje, especificamente no século XXI, a família usava como instrumento metodológico para ensinar o trabalho aos filhos, já como eram vistos como miniatura humana, e depois como instrumento educativo para o desenvolvimento humano.

Conforme Freitas (2015) brincar é uma maneira lúdica que o indivíduo tem de criar forma mais primitiva de ajudar a criança a balbuciar. Ainda conforme o autor nos séculos passados o brincar não tinha tanta importância e só começou a ficar mais importante na vida no ano de 1950 como o avanço do estudo da psicologia sobre criança.

As teorias que dão embasamento às atividades de brincar, na concepção de Zanata, Mello e Carvalho (2018), mostram que o mesmo faz parte do cotidiano

humano como uma necessidade. Atividade, essa, prazerosa e tão fundamental para o desenvolvimento infantil.

Concordando, Kishimoto (2010) afirma que o brincar já é uma atividade principal do dia-a-dia da criança, sendo uma necessidade do ser humano, independentemente de suas crenças, idade e nível social.

É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.1)

Para Teixeira e Volpini (2014), o brincar é tão importante quanto a alimentação da criança, pois é através das brincadeiras que ela estabelece relações do conhecimento de si, do outro e nas relações sociais, favorecendo o desenvolvimento da autoconfiança, e é no brincar que a criança vive um mundo de fantasia, onde o faz de conta se confunde com a realidade.

Embora não pareça, mas o brincar não é apenas uma diversão. É através do brincar que a criança se desenvolve fisicamente, social, emocional e intelectualmente. Ao brincar a criança pensa sobre sua cultura, realidade, onde está inserida e sobre os papéis sociais.

O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998b, p.22).

É no brincar que a criança vai criando situações imaginárias, assumindo diferentes papéis: ela pode se transformar em um adulto, ser outra criança, um animal, ou super-herói, assim como também modificar seu comportamento, como se comportando como se fosse uma pessoa mais velha do que é. A criança vai representando personagens e vai seguindo regras do comportamento do mesmo. (SOUZA, 2011).

As diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil em seu Art. 9º atesta que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” [...]. (BRASIL, 2009, p.4).

No que se refere a interação das crianças com outras pessoas, pode-se observar em Brasil (1994), que esta interação contribuirá efetivamente com o desenvolvimento psicológico e físico da criança, se for de forma lúdica e afetiva.

O desenvolvimento psicológico ocorre através das interações estabelecidas entre a criança e seu meio físico e social. Nesta interação, ela ativamente modifica seu ambiente e é por ele modificada. A interação com outras pessoas, adultos e crianças, exerce um papel preponderante no desenvolvimento infantil e na construção do conhecimento, sendo mais efetiva quando se dá de forma lúdica e afetiva, e, portanto, prazerosa. O desenvolvimento afetivo e a identidade também se constroem na interação com os outros, sendo a primeira infância momento fundamental neste processo. (BRASIL, 1994, p.17).

Em Brasil (1994, p.18) encontra-se que as diretrizes que norteiam uma proposta coerente com as concepções já explicitadas devem ser traduzidas em ações pedagógicas que, dentre outras “levem em conta que o brincar constitui uma forma privilegiada de aprender e que o ambiente lúdico é o mais adequado para envolver criativamente a criança no processo educativo”.

2.1.2.1 Brincadeira, brinquedo e jogo

Para Zanata, Mello e Carvalho (2018), foi no século XVIII que surgiu às primeiras teorias sobre o brincar e era entendida como um produto de energia excedente da criança.

Quando brincamos exercitamos nossas potencialidades, o funcionamento do pensamento, a aquisição de conhecimento sem estresse e sem medo, o desenvolvimento da sociabilidade, cultivando a sensibilidade, o desenvolver intelectual, social e emocional. Todo aprendizado que o brincar permite é fundamental para a formação da criança em todas as etapas da sua vida. (Zanata; Mello; Carvalho, 2018, p.2),

Os estudiosos já dominavam as teorias do brincar na primeira metade do século XX.

Acerca da brincadeira, Lira e Rubio (2014, p.1), afirmam que

Brincadeira é coisa séria, pois brincando, a criança se expressa, interage, aprende a lidar com o mundo que a cerca e forma sua personalidade, recria situações do cotidiano se expressa; desta maneira percebe-se a importância

do brincar como forma da criança expressar-se e desenvolver suas habilidades de criação, de relacionar-se e de interagir.

Observa-se uma mistura natural entre o conceito de brincadeira, brinquedo e jogos, a qual faz com que haja a uma confusão destes conceitos.

Os termos brincadeira, brinquedo e brincar, segundo Kishimoto (2011), são empregados de maneira indistinta, razão pela qual defini-los não é uma das tarefas mais fáceis, pois os conceitos vão variar de acordo com o contexto onde a criança está inserida.

Antigamente, o brinquedo era uma preparação da criança para a vida adulta, em que os pais ensinavam e preparavam aos seus filhos a caçar, montar, atirar, pescar entre outras coisas, e essas brincadeiras já eram voltadas para a disputa. Já as meninas eram ensinadas pelas mães a cuidar da casa e das crianças menores. (BÖHM, 2015).

Ao discutir o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de faz-de-conta, como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com um cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira faz-de-conta é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual, o mesmo contém todas as tendências do desenvolvimento, sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (VIGOTSKY, 1998, BIAZOTTO, 2014, P.16).

Ainda conforme Böhm (2015), nos séculos XIX e XX começaram as primeiras pesquisas sobre brinquedo e a importância para o desenvolvimento da criança. Os brinquedos são divididos em três grupos: artesanatos, industriais e pedagógicos.

Os brinquedos para Brasil (1989a, p.70), “podem ser comprados ou fabricados pelos professores e pelas próprias crianças; podem também ter vida curta, quando inventados e confeccionados pelas crianças em determinada brincadeira e durar várias gerações, quando transmitidos de pai para filho”.

Niles e Socha (2014, p.81), afirmam que “independente de época, cultura e classe social, os jogos e brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, onde a realidade e faz-de-conta se confundem”.

O brinquedo está atrelado ao brincar, sendo um objeto lúdico no suporte da brincadeira. (LIRA, RUBIO, 2014).

Para Nallin (2005), a história do jogo vem desde o século XVI destinados apenas ao aprendizado das letras, que na época era para educação disciplinar, com memorização e obediência, porém depois os mesmos passam a ser vistos como proibidos, visto como um ato criminoso que levava à prostituição e à embriaguez. Mais tarde ganha uma nova visão, ele deixa de ser algo ilícito e começa a ser algo que envolve diversão e entra na vida cotidiana dos jovens.

De acordo Ferreira (2004) jogo “do *latim jocu*, gracejo, zombaria, que tardiamente tomou o lugar de ludus. Atividade física ou mental organizada por um sistema de regras que definem a perda ou o ganho”. (FERREIRA 2004, p.1158).

O jogo é uma atividade que ajuda no desenvolvimento da criatividade da criança no momento que ela cria e quando executa. Ele é importante porque nos jogos envolvem regras explícitas e pré-determinadas.

Há vários tipos de jogos, entre eles tem-se: os de carta, botão, dominó, tabuleiro entre outros. E, conforme Kishimoto (1993 apud BÖHM, 2017 p.3), os mesmos têm

função de construir e desenvolver uma convivência entre as crianças estabelecendo regras, critérios e sentidos, possibilitando assim, um convívio mais social e democracia, porque “enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social.

Esta convivência social é incentivada, avaliada e tratada nos *setting* psicoterápicos com crianças e, até mesmo com adultos, através de jogos e brincadeiras, como é o caso dos psicodramáticos.

2.1.2.1.1 Jogos psicodramáticos

Moreno, aos quatro anos de idade, segundo Yozo (1996), utilizou o jogo dramático quando estava brincando de ‘Ser Deus’ desempenhando o papel de Deus e seus amigos o papel de anjos.

Para o Yozo (1996, p.18), “o jogo dramático leva o indivíduo a soltar-se, liberar sua espontaneidade e criatividade, ou seja, é um meio de desentorpecer o corpo e a mente dos condicionamentos da vida atual não permitindo a massificação dentro das conservas culturais.”

Ainda de acordo com Yozo (1996), Moreno percebeu, a partir de suas vivências, que a espontaneidade nas crianças era de forma natural, sem censura e sem referência social.

Conforme Cukier (1992), a espontaneidade e a criatividade na visão de Moreno são acontecimentos primários e positivos no desenvolvimento individual. Incrementar a espontaneidade e libertando-as das conservas culturais, resgatando o homem livre e criativo, foi sempre o objetivo de J. L. Moreno.

Para Cukier (1992), a proposta do Jogo dramático é proporcionar um relaxamento no *setting* terapêutico possibilitando uma aproximação, mesmo que sutil, no motivo conflitante do paciente.

Ainda de acordo com Cukier (1992), o jogo dramático, assim como o outros, tem regras que aparecem quando é dramatizado, com estruturas mais ou menos definida pelo psicólogo e atuada pelo paciente que vai recheando a dramatização com seus conteúdos.

Para Yozo (1995), no jogo dramático é importante saber as suas características, pois estas definem o jogo e seus objetivos, para especificar o jogo situando e delimitando o papel do psicólogo. Tem-se, então, algumas regras para o jogo dramático:

- É uma atividade voluntária: tem que haver uma aceitação do participante para o jogo.
- Tem regras específicas absolutas: é importante que os participantes concordem o que é proposto no jogo. No caso do participante não cumprir as regras deve ser então considerado que não houve uma compreensão ou aceitação das regras, neste caso pode ser alterado e modificado.
- Tem um tempo (duração) delimitado: isto vai depender de acordo com o jogo e a necessidade do psicólogo.
- Tem um espaço: que é o *setting* terapêutico que pode ser um espaço ampliado ou reduzido de acordo com a necessidade.
- Há o resgate da ordem lúdica: onde o participante vai se desprendendo do mundo real.
- Tem um objetivo específico: o qual busca a identificação e a resolução de conflitos.

2.1.2.2 Tipos de brincar

Conforme Silva e Santos (2009) a primeira brincadeira da criança começa dentro do útero da mãe, e seu primeiro brinquedo é o cordão umbilical puxando e segurando, essa brincadeira começa a partir da 17ª semana é através dele que é a primeira comunicação que o bebê tem com a mãe. A mãe também brinca com a criança no período da gestação fazendo associações das brincadeiras de quando também era criança, assim quando a criança nasce já reconhece a voz de sua mãe.

Com o passar do tempo, o bebê começa a crescer e aos poucos vai se desvincilhando da mãe e começando a se vincular com outras pessoas e interagindo com elas. “Esses novos amigos irão ajudar a criança a se desenvolver mostrando um lugar onde ela possa evoluir como criança sem tirar a sua criatividade e imaginação, permitindo-a utilizar suas ferramentas de forma que ela quiser”. (MAFRA, 2013, p.9).

À medida que a criança vai crescendo, se desenvolvendo começam a ampliar as formas de brincar, compreendendo as regras, ampliando também as experiências lúdicas e sua interação social. As regras dos jogos começam a ficar mais específicas e a criança começa a ter decisões, controlar as emoções, respeitar os parceiros, comunicar-se para poder negociar as estratégias. As brincadeiras podem ser individual ou coletiva, enquanto que os jogos são sempre coletivo. (CORSINO, 2009 apud BIAZOTTO, 2014).

Os tipos de brincadeiras vão se adequando de acordo com a cultura que a criança está inserida, além da brincadeira individual ou coletiva, elas podem ser pedagógicas, institucionalizadas, eletrônicas.

As pedagógicas, conforme Sousa e Damasceno (2012) serve como um suporte pedagógico na escola, com o objetivo de estimular a coordenação motora, grafismo, raciocínio lógico, ajuda na alfabetização, leitura, escrita, enfim, conhecimentos gerais.

Conforme Sousa e Damasceno (2012, p.5), os brinquedos pedagógicos são ferramentas fundamentais para o educador no ensino infantil, com a finalidade de desenvolver “os aspectos cognitivo, afetivo social, lógico e racional da criança” e servem como um suporte na escola, com o objetivo de estimular a coordenação motora, grafismo, raciocínio lógico, ajuda na alfabetização, leitura, escrita, enfim, conhecimentos gerais.

Já, as brincadeiras institucionalizadas são brincadeiras que se encontram formalizadas. São as atividades físicas ou intelectuais sujeitas a regras predefinidas, competitivas, sistemáticas, tais como, futebol, vôlei, basquete, xadrez, dentre outros.

Para Albuquerque e Fialho (2009), o hábito de jogar surge nas pessoas de forma espontânea, também assim, é com os jogos eletrônicos.

Os jogos eletrônicos (também chamados jogos digitais), por outro lado, se apresentam como uma versão desse hábito que utiliza a tecnologia digital, oferecendo novas possibilidades: se um jogo tradicional é projetado em termo de regras que o definem, o jogo eletrônico é projetado nos mínimos detalhes, e oferece ao jogador não apenas um sistema de regras, mas personagens, ambientações e sistemas de regras complexas calculadas em tempo infinitamente pequeno. E oculto nesse emaranhado de informações, um conteúdo a ser aprendido. (ALBUQUERQUE; FIALHO, 2009, p.1).

Os jogos eletrônicos estão dentro do contexto tecnológico, os quais fazem parte de uma nova cultura, atraindo as crianças. A interatividade do jogador se dá por meio de conteúdo ou de imagens exibidos na tela de uma televisão, computador, *tablet* ou celulares.

Na concepção de Fernandes *et al.* (2017), esses jogos eletrônicos são denominados de videogames ou apenas *game* e por *multiplayer* quando vários jogadores estão jogando ao mesmo tempo.

As crianças que têm acesso à tecnologia costumam pedir para fazer uso dela e assim seus corpos falam, seus gestos demonstram interesse em assistir a um vídeo no celular, em navegar na Internet e em mostrar ao adulto o que lhe fascina quando conectadas. As que não têm acesso direto à tecnologia, também desejam e imaginam essas e outras práticas mediadas pelo que a mídia oferece como forma de pertencimento, evidenciando a importância de a escola assegurar tal direito como forma de inclusão digital, social e cultural. (FANTIN; MULLER, p.180-181).

Para Sousa e Damasceno (2012), com o avanço da tecnologia as crianças vão tendo acesso as brincadeiras eletrônicas onde as crianças ficam cada vez mais em frente de um computador ou uma televisão e isso vai impossibilitando a criança de ter contato e interação com outras crianças, tornando-se cada vez mais isoladas e por vezes infelizes.

Por outro lado, Gee (2007 apud ALBUQUERQUE, FIALHO, 2009, p.2), quanto ao jogo eletrônico, afirmam que

A interatividade dos jogos eletrônicos exige um comportamento ativo do jogador. O desafio do jogo exige um investimento de energia mental que posiciona o jogador em um nível mais elevado de interação: o aprendizado sobre algo que ele influencia ativamente possibilita não apenas que ele perceba o contexto por outro ponto de vista, mas que desenvolva a habilidade de resolver outros problemas relacionados ao conteúdo em

questão.

Destaca-se, assim, que nas brincadeiras pedagógicas e institucionalizadas há interação entre as crianças, elas conquistam amigos, conversam, dentre outros. Por outro lado, durante os jogos eletrônicos, as crianças ficam isoladas, pois não se relacionam no mundo real.

Com o avanço da tecnologia, a partir dos anos 2000, cada vez mais, os jogos eletrônicos fazem parte da vida das crianças e dos adolescentes. Assim, as brincadeiras de antigamente, tais como, esconde-esconde, pular corda, cabra-cega, peão, amarelinha, jogar bola na rua, etc., estão sendo esquecidas e substituídas pelos celulares, tablets, televisão, DVD, videogames, dentre outros.

Como todo jogo é uma interação a criança tem que saber escutar, pensar e falar. Escutar o que o outro jogador tem a dizer, de maneira participativa, para que possa tomar decisões relevantes durante o mesmo; pensar o que o outro jogador falou para que possa tomar sua próxima decisão na jogada seguinte e falar, isto é, comunicar de maneira clara ao outro jogador as suas tomadas de decisões para que possa assim continuar o jogo.

2.2 PSICODRAMA

O Psicodrama, de acordo com Moreno (2016), tem como método psicoterapêutico o teatro. Em casa, sem seus pais, mas com alguns amigos, Moreno deu a ideia de brincar de Deus e anjos, onde ele seria o Deus e os amigos seriam os anjos. Começaram, assim, a arrumar o cenário, empilharam sobre a mesa várias cadeiras até chegar perto do teto. Já cada um em seu papel, um anjo perguntou ao Deus porque ele não voava, Moreno esticou os braços, numa tentativa de voar se despençou no chão e resultou no braço direito fraturado. Esta foi a primeira sessão psicodramática de Moreno onde ele foi o protagonista onde ele era o diretor, o protagonista.

De acordo com Moreno (2016), a primeira sessão de psicodrama foi no dia da mentira, dia 1º de abril de 1921, em um teatro de Viena. Considerado esse dia, como o nascimento do psicodrama. Moreno apresentou-se sozinho sem nenhum roteiro, nem elenco de atores e com uma plateia de mais de mil pessoas. Quando a cortina se abriu tinha, no palco, apenas uma poltrona vermelha de pelúcia e uma

coroa dourada no assento como se fosse um rei. Para ele a plateia fazia parte do elenco, tinha como intuito dramatizar os conflitos sociais, os dramas coletivos que estavam vivendo no momento, conhecido como sociodrama.

Ao mencionar Moreno, Monteiro (1998) afirma que ele tinha adoração pelo teatro desde a brincadeira de “ser Deus”, seguindo para peças nos Jardins de Viena que encenava com as crianças. Assim sendo, foi que em 1911, já tendo uma identificação com o teatro, começou a produzir a peça “As aventuras de Zaratustra” que foi montada no Teatro das Crianças de Viena. Nessa época começou a interferir, modificando e questionando estimulando ao mesmo tempo a criatividade dos autores.

Gonçalves (1988) afirma que

O psicodrama é, como outras, uma psicoterapia na qual a criança tem a oportunidade de se expressar e de se relacionar por meio da brincadeira e do jogo. O que o caracteriza e o diferencia tecnicamente de outras ludoterapias é o preparo do terapeuta para se prontificar, muitas vezes, a propor cenas, jogos, procedimentos dramáticos e a dirigi-los, algumas vezes [...] A psicoterapia favorece o brincar, o desenvolvimento da fala e o surgimento da palavra inconsciente, da qual se põe à escuta. (GONÇALVES 1988, p. 111).

Para o mesmo autor, o psicodrama “auxilia as crianças na superação de obstáculos a seu desenvolvimento emocional, através daquilo que ninguém lhes pode tirar – sua imaginação”. (GONÇALVES 1988 p.11).

2.2.1 Criatividade, espontaneidade e conserva cultural

Todo o processo de criação é uma proposta de recuperação por meio do rompimento dos valores arraigados do homem (conservas culturais) que “são objetos materiais (incluindo-se obras de arte), comportamento, usos e costumes, quem mantêm idênticos, em uma dada cultura”. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA 1988 p. 48).

Na criança a criatividade aparece nas brincadeiras infantis, pois ela tem uma imaginação fértil e utiliza nos momentos do seu cotidiano. Assim, a criatividade e a espontaneidade estão sempre juntas, uma não sobrevive sem a outra. (Gonçalves, 1988).

A espontaneidade é “pré-requisito indispensável para a mudança do mundo a partir do desenvolvimento da criatividade”. (BUSTOS, 2001, p.86).

A teoria da espontaneidade, na concepção de Ramalho (2010, p.34),

é tida como uma das "principais teorias de Moreno, juntamente com a teoria dos papéis [...]. Segundo Moreno, são recursos inatos do indivíduo a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. [...] é o núcleo dinâmico da teoria de Moreno. Em sua dimensão filosófica é a espontaneidade que explica a constante criatividade do mundo e a concepção do homem como "gênio em potencial.

Bustos (2001) afirma que para Moreno o homem nasce espontâneo e criativo e um não sobrevive sem o outro. A espontaneidade é a capacidade do homem dar respostas novas a situações novas ou transformadoras para situações já preestabelecidas de maneira adequada, porém o ato impulsivo não é um ato espontâneo. O homem sem criatividade e espontaneidade é um ser em patologia.

Moreno (2016) diz que a primeira característica do ato criador é a espontaneidade, depois é a sensação de surpresa, do inesperado, em seguida a irrealidade, que tem a missão de mudar a realidade em que surge.

Para Moreno (2016), a criança ao nascer ingressa num mundo complexo e perigoso, mesmo sem seu organismo estar preparado para satisfazer suas vontades e sobrevivência, por isso necessita de cuidado. Há então uma mudança radical, de um lugar seguro, escuro, sem som, onde se alimentava através da placenta materna para um mundo completamente oposto, passando de um mundo conhecido para outro completamente desconhecido. Nesse caso ela fica de frente a uma situação nova e, para sua sobrevivência, precisa dar novas respostas e isso é chamado de espontaneidade que acontece a partir do primeiro dia de vida dessa criança.

Ainda, de acordo com Moreno (2016), o homem vai crescendo e vão surgindo alguns obstáculos para o desenvolvimento da criatividade e espontaneidade que se dá através do seu ambiente familiar e suas relações.

A espontaneidade tem a tendência inerente para ser experimentada por um indivíduo como seu próprio estado, autônomo e livre – isto é, livre de influências exteriores e de qualquer influência interna que ele não possa controlar. (MORENO, 2016, p. 132)

Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), a conserva cultural é a cristalização resultante de um processo de criação ou de um ato criador. É o comportamento, costume e objetos materiais (como as obras de artes) que se mantém idênticos dentro de uma determinada cultura, ou seja, ela permanece sempre a mesma.

A conserva cultural, segundo Moreno (2016), é um produto acabado como sendo uma qualidade quase sagrada. É uma mistura do material espontâneo e criativo, moldado de forma permanente. Ainda para o autor “as conservas culturais serviram para dois fins: prestimosa em situações ameaçadoras e asseguravam a continuidade de uma herança cultural” (MORENO, 2016, p.159).

Continuando o mesmo autor afirma que, quanto mais a conserva cultural se desenvolve mais raro as pessoas necessitam de inspiração e assim enfraquecem a criatividade e espontaneidade.

2.2.2 Teoria da matriz de identidade

A matriz de identidade, para Moreno (2016, p.114) “é a placenta social da criança, o locus em que ela mergulha suas raízes”. O mundo que no começo é uma extensão dela e que gira ao seu redor é chamado de primeiro universo, e quando começa a se separar, se diferenciar do outro é denominado de segundo universo.

Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), o primeiro universo ou período da identidade total é o momento em que a criança não se diferencia de pessoas e objetos, o que é fantasia e realidade; para ela só existe o tempo presente, as relações são de proximidade; a criança tem ‘fome de atos’; não existem sonhos já como não existe separação entre objetos e pessoas. O segundo universo ou período da identidade total diferenciada ou de realidade total, diminui a ‘fome de ato’, objetos e pessoas começam se diferenciar; começam a surgir os registros possibilitando os sonhos; as relações começam a ter uma certa distância.

A medida que a criança vai tomando autonomia, como se alimentar, locomover, não precisa tanto das outras pessoas (os egos auxiliares), isto é, a criança vai satisfazendo suas necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais, a matriz de identidade vai se desenvolvendo gradualmente. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

O início do segundo universo é marcado pela surgimento daquilo que Moreno chamou de ‘brecha’, é o momento onde a fantasia e a realidade não mais se misturam, ou seja, se separam formando “dois conjuntos de processos de aquecimento: um, de atos de realidade, e outro, de atos de fantasias” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA 1988, p.61).

De acordo com Moreno (2016), uma vez estabelecida e formada a matriz de identidade, a criança vai criando bases para futuros atos combinatórios. A mãe no começo é uma extensão da criança, é o alicerce de suas ações, mas com o passar do tempo a criança permite ser abandonada uma parte dela e se concentra na parte materna, havendo uma separação do que é ela e sua mãe. Assim nessa transição a criança vai se preparando para a inversão da cadeia de aquecimento, desempenhando o papel do outro, mas passando por algumas fases de desenvolvimento que com frequência trabalham em conjunto.

Essas fases de acordo com Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p.61-62), em número de cinco, quais sejam:

1. Fase da indiferenciação: onde a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só.
2. Fase onde a criança concentra a atenção no outro, esquecendo-se de si mesma.
3. Aqui ocorre o momento inverso: a criança está atenta em si mesma, ignorando o outro.
4. Já nesta fase a criança e o outro estão presente de maneira concomitante, e ela já se arrisca a tomar papel do outro, embora não suporte o outro no seu papel.
5. Nesta etapa já pode haver concomitância na troca de papéis entre a outra pessoa (inversão de papéis).

De acordo com Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) Moreno depois de descrever as cinco fases resumiu em três etapas juntando a segunda com a terceira (fase do espelho) e a quarta com a quinta (fase da inversão)

1. Fase do duplo: essa fase corresponde a primeira fase, o - a criança necessita do ego-auxiliar para fazer o que não consegue fazer sozinha.
2. Fase do espelho: corresponde a 2ª e 3ª fase - nessa fase há dois movimentos que se misturam onde a criança concentra a atenção em si se esquecendo do outro e concentra no outro se esquecendo de si. A criança não consegue se reconhecer ao ver sua imagem no espelho.
3. Fase de inversão: corresponde a 4ª e 5ª fase - é a fase onde no primeiro momento acontece a tomada do papel e depois a inversão de papéis simultaneamente.

Estas fases subsidiaram J.L. Moreno na criação das Técnicas Clássicas do Psicodrama, isto é o Duplo, Espelho e Inversão de Papéis. Além disso estas fases embasam o processo avaliativo da psicoterapia com crianças.

2.2.3 Teoria dos papéis

De acordo com Moreno (2016) o desenvolvimento do conceito e da técnica de desempenho de papéis é exclusivo do psicodrama e originou-se no teatro, ele é a forma que o indivíduo tem de funcionar onde assume momentos específicos reagindo a uma situação específica e que outras pessoas também estão envolvidos. (MORENO, 2016 p. 24-27).

Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) afirmam que a teoria dos papéis atribui a inspiração ao teatro, que pressupõe a inter-relação e ação, articulando de teoria da técnica terapêutica.

Moreno (2016) define papel como

uma pessoa imaginária por um autor dramático, por exemplo, um *Hamlet*, um Otelo ou um Fausto [...] o papel pode ser definido como as formas reais como um personagem ou função assumida na realidade social, por exemplo, um policial, um Juiz, um médico, um deputado. (MORENO 2016, p. 206).

Bustos (2001) complementa que para o papel vai haver um contra papel que tem a denominação de papel complementar e onde tem o papel do médico haverá o papel do paciente.

Ainda de acordo com Bustos (2001), Moreno descreve três categorias de papéis, são eles: papel psicossomáticos, papel social e papel psicodramáticos. Papel psicossomático, o primeiro papel, que começa com a inter-relação do papel de filho com o papel de mãe, onde a mãe começa a ter todo cuidado que um bebê necessita, está ligada ao processo fisiológico da criança. Já o papel social corresponde a inter-relação social de acordo com determinada cultura onde a pessoa está inserida. Por fim, quando ocorre uma dramatização e é solicitada uma pessoa para desempenhar um papel (ego auxiliar), essa passagem de papel social é denominado papel psicodramático.

Segundo Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) é com a integração dos papéis, que a criança, por volta de três anos, dispõe de um ego e de uma identidade que permite se relacionar com outras pessoas, outros egos.

Ainda conforme esses autores, de acordo com o grau da espontaneidade, o processo de desenvolvimento dos papéis passa por três fases:

1. *Role-taking*: é o momento da tomada de papéis. Que consiste no simples imitar, a partir do modelo disponível;
2. *Role-playing*: é a fase do jogar o papel, onde a pessoa vai explorando de maneira simbólica sua possibilidade de representação;
3. *Role-creating*: é quando a pessoa via desempenhar o papel de maneira espontânea e criativa.

2.2.4 Teoria do momento

A teoria do momento, que é uma espécie de curto-circuito, isto é, quando o tempo cronológico é subitamente alterado e se transforma no tempo atual, trazer uma experiência vivida no passado para o tempo presente, como se estivesse ocorrendo no “aqui e agora”, “o passado se fazendo presente no momento moreniano” (FILIPINI, 2014, p. 32).

Ainda, de acordo como Filipini (2014), todos os conceitos de Moreno baseiam-se na filosofia do momento onde nada foi, nada será, tudo está sendo, portanto é válido somente no momento. A Teoria do Momento é sustentada por três conceitos psicodramáticos, que se baseia na teoria do moreno: *Matrix*, *Locus* e *Status Nascendi*. A *Matrix* é definida como aquilo que deu origem; *Locus* é o lugar ou conjunto de condicionamentos que cercam a *Matrix*, toda *matrix* tem um *Locus*; e por último, *Status Nascendi* que é o momento da evolução, é o processo de crescimento. Essas coordenadas é que vão marcar a dinâmica que vai estruturar toda a tarefa do psicodrama:

Assim, em um sistema importará buscar sua *matrix*, fatos particulares que o geraram, seu *locus*, ou conjunto de circunstância mais ampla dos quais este se nutre e o *Status Nascendi*, processo de estruturação do sintoma. Dentro desta linha de pensamento creio que um momento fundamental no processo terapêutico é conseguir desvendar as condicionantes para a estrutura de pensamento. Se tudo no universo tem seu *locus*, *matrix* e *status nascendi*, também os símbolos, são afetados por estes fatores... (BUSTOS, 1982, p. 27-28).

A teoria do momento é inseparável da espontaneidade uma vez que a espontaneidade é a capacidade de dar novas respostas e adequadas para situações preestabelecidas.

2.2.5 Tele, empatia, transferência e encontro

Conforme Filipini (2014) foi por meio do contato que Moreno teve com crianças que pode verificar que, além do fator criatividade e espontaneidade, existe o fator tele, que é a capacidade de percepção que a criança desenvolve desde o seu nascimento conseguindo distinguir o que é objeto materiais e seres humanos como elementos externos a ela sem distorcer de seus aspectos essenciais. Ainda conforme o autor o tele determina a atração e repulsão entre as pessoas e é por ela que se consegue medir o quanto alguém é empático com o outro.

Para Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p.49) dizem que para Moreno o tele é a capacidade de perceber o que ocorre na relação entre as pessoas, é a “percepção interna mutua entre dois indivíduos” e toda relação implica forma comunicativa, pois só se comunica aquilo que se é capaz de perceber.

De acordo com Bustos (2001), o ‘tele’ é a percepção correta do outro, enquanto a transferência é a distorção dessa percepção.

Tele foi definido como uma relação elementar que pode existir tanto em indivíduos como entre indivíduos e objetos, que no homem se desenvolve gradualmente desde o nascimento, dando sentido para as relações humanas. Pode, por isso, ser considerado como o fundamento de todas as relações sadias e como o elemento principal em todas as formas de psicoterapia. Consiste no sentimento e conhecimento da situação real do outro. (BUSTOS, 2001, p.91)

Quando há reciprocidade o tele é chamado de empatia. É o tele ocorrendo em duas direções, o qual de acordo com Moreno (2016, p.316) “foi sugerido por Paul Horst que o método de empatia parece ser um dos princípios básicos da técnica psicodramática”

Conforme os autores Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), sendo o tele uma percepção correta do outro, a transferência é a distorção desta percepção e que também se dá através da relação interpessoal, passível de bilateralidade e se reduz, o conceito de sentido oposto do fator tele, seria a patologia do fator tele, causando equívoco e até sofrimento nas relações interpessoais.

O encontro, conforme Gonçalves, Wolff e Almeida (1988) é a experiência essencial de uma relação tética, e quando há esta relação em condições favoráveis vivem relacionamentos marcantes, transformadores e estão disponíveis para viverem experiências privilegiadas de plena compreensão mútua.

Para os autores, o poeta, Jacob Levy Moreno, descreve o encontro como:

Um encontro entre dois; olho no olho, cara a cara.
 E quando estiveres próximos tomarei teus olhos
 e os colocarei no lugar dos meus,
 e tu tomarás meus olhos
 e colocará no lugar dos teus,
 então te olharei com teus olhos
 e tu olharás com os meus.
 Assim nosso silêncio se serve até das coisas mais
 Comuns e nosso encontro é meta livre:
 O lugar indeterminado, em um momento indefinido,
 A palavra ilimitada para o homem não cerceado.

(GONÇALVES, WOLFF E ALMEIDA 1988 p. 53)

Assim, tornar as pessoas aptas à vivência do Encontro acaba por ser o método das propostas de intervenção psicodramáticas.

2.2.6 Técnicas psicodramáticas

A psicoterapia tem meios psicológicos e tem como objetivo “o promover o autoconhecimento, a superação de dificuldade ou de sintoma e de modificar formas desfavoráveis de relacionamento interpessoais”. (GONÇALVES, 1988 p.17)

No psicodrama é com o manejo das técnicas que auxilia nas ações dramáticas no processo terapêutico através de uma arte ou na maneira, jeito de fazer algo ou agir de modo teatral, na encenação dramática. Conforme Gonçalves (1988) as técnicas são utilizadas em “sessão grupal, individual ou bipessoal, com inúmeras variações, que dependem não só da modalidade de psicodrama, mas também do momento vivido pelo cliente” (GONÇALVES 1988 p. 17).

De acordo com Dias (1996), o ponto alto do psicodrama é a dramatização, sendo que as técnicas utilizadas para atendimento são: tomada de papel, inversão de papel, concretização, espelho, maximização, solilóquio, lentificação, corporificação, duplo, princípio do duplo, entrevista, interpolação de resistência e realidade suplementar. Dentre elas, as mais usadas são:

- Tomada de papel: é quando o paciente assume o papel de maneira que ele imita um personagem que está ligado em sua vida assim como pai, mãe,

irmão, etc. É a técnica que faz com que o paciente possa entrar no lugar do outro, podendo sentir, pensar e perceber da mesma maneira que o outro.

- Espelho: é uma das técnicas mais utilizadas em que o psicólogo ou o ego auxiliar repete de maneira idêntica o discurso e a postura do paciente. Essa técnica pode ser de duas maneiras: a primeira maneira é quando o ego auxiliar ou o psicólogo fica frente a frente ao paciente de forma que o paciente possa se espelhar. E a outra maneira é quando o paciente sai da cena e assiste o psicólogo ou ego auxiliar desempenhando seu papel.
- Maximização: essa técnica pede para que o paciente intensifique a sua atitude, gesto, fala, postura para que possa aparecer mais a sua emoção embotada. A técnica da maximização pode ser feita também através do ego auxiliar ou psicólogo quando este faz um espelho do paciente de maneira também intensa.
- Solilóquio: técnica onde o paciente, a pedido do psicólogo, coloca em voz alta seus pensamentos, fala o que está passando em sua cabeça, entrar em contato consigo mesmo quando ele está muito quieto, pensativo.
- Técnica do duplo: nessa técnica o psicólogo ou ego auxiliar verbaliza o que o paciente não consegue dizer ou fazer através de ação os seus conflitos. Para que isso aconteça de forma eficiente o psicólogo ou o ego auxiliar precisar em plena sintonia, empatia, para que possa sentir, pensar e perceber o que está passando com seu paciente.
- Entrevista: o psicólogo entrevista o paciente ou o personagem que o paciente vai dramatizar. É utilizada no início da dramatização onde o paciente fornece os dados importantes para a história.

Conforme Santos (1998) há também outras técnicas como: auto apresentação, apresentação do átomo social e solilóquio, concretização e confronto.

- Auto apresentação: é o ato de desvelar numa ação psicodramática se apresentando no papel de protagonista falando de si. O paciente pode se apresentar sendo ele mesmo ou no papel de pai, mãe, irmão... (p. 105 e 105 – livro técnicas fundamentais do psicodrama)
- Apresentação do Átomo Social: técnica que está ligada na Sociometria do paciente, são as relações afetivas, podendo ser pessoas vivas, mortas, do presente, do passado, próximas ou distantes, podendo ser até as

imaginadas no futuro.

2.3 PSICODRAMA CLÍNICO

O Psicodrama, conforme Filipini (2014), possui uma estrutura teórica, conhecida como tripé, que se refere a ação prática que o sustenta: contextos, instrumentos e etapas. Esse tripé, forma um eixo que ficou conhecido como 'psicodrama clássico'. (Figura 1).

Figura 1 - Psicodrama clássico.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Ainda de acordo com o mesmo autor, Moreno definiu o contexto como a vivência individual ou grupal, dos pacientes que se inter-relacionam, numa contingência espaço temporais. Os contextos são distintos entre si: contexto social, grupal e o dramático sendo que para Filipini (2014 p. 52) “cada um deles é caracterizado de modo que diferencie o desempenho de papéis: no contexto social e grupal são desempenhados os papéis sociais; no contexto dramático, os papéis psicodramáticos”.

Num trabalho de psicodrama a demarcação de contextos, para Filipini (2014, p.52), “é importante porque permite distinguir o “como é” - papéis sociais, em tempo e espaço reais - do “como se” - papéis psicodramáticos, em tempo e espaço coconstruídos dramaticamente.

O contexto social se refere à realidade social com suas consequências – o “como é”. Tem características culturais, econômicas e políticas, normas e leis que regulam os vínculos entre as pessoas com suas características culturais, econômicas e políticas, normas e leis que regulam os vínculos das

peçoal. (MORENO, 1975; GONÇALVES, 1988 apud FILIPINI 2014 p. 52).

Os instrumentos, conforme Gonçalves, Wolff e Almeida (1988, p.99), “é o meio empregado na execução do método e das técnicas psicodramáticas”. Existem cinco instrumentos no psicodrama: cenário, protagonista, diretor, ego-auxiliar, público.

- Cenário: espaço que tem várias dimensões onde ocorre a dramatização, projetado conforme a necessidade terapêutica. A decoração do local não uma das coisas mais importantes, e sim a demarcação, a linha imaginária que deve ser respeitada para representar uma porta, uma parede, uma mesa que fazem parte na ação psicodramática.
- Na psicoterapia infantil o cenário é amplo e ocupa praticamente todos os espaços do *setting* terapêutico, uma vez que a criança amplia seu cenário imaginário, muitas vezes, para “além da sala” de atendimento.
- Protagonista: principal instrumento, surge para ação psicodramática. É o que vai simbolizar os sentimentos, naquele momento, para representar a partir de uma dinâmica.
- No trabalho com crianças o protagonista é sempre a criança e as escolhas sociométricas para protagonismo ocorrem apenas em processos grupais.
- Diretor: o terapeuta/psicólogo que vai coordenar a ação psicodramática do protagonista. Em uma sessão o diretor tem três funções: diretor da cena propriamente dita, terapeuta/psicólogo do protagonista e analista social. Como diretor ele tem a função de aquecimento, promover sua sensibilidade para procurar, junto com protagonista e os egos-auxiliares, a melhor maneira para dirigir a cena do drama e mantendo o tele com o público. Como terapeuta/psicólogo tem a função de estar atento na interação do protagonista com os seus sentimentos, emoções e pensamentos. E por fim, na função de analista social, ele comenta o que percebeu e compreendeu da situação vivida em cena ao protagonista e aos egos-auxiliares.
- Ego-auxiliar: quando o terapeuta/psicólogo interage na cena com o protagonista. Essa função também é dividida em três: ator, auxiliar do protagonista e observador social. Na função de ator ele representa os papéis necessários e juntamente colaborando com a manutenção do aquecimento específico. Já na função de auxiliar do protagonista ele promove diretamente

na *catarse* no papel completares facilitando o *insight* por parte do protagonista. Por último, de observador social que tem como função, como o nome já diz, observar as inter-relações da micro sociedade produzida em cena de quem está participando.

- Público é o conjunto de pessoas que estão participando na sessão psicodramática, mas que não fazem parte da cena propriamente dita, tem como função de compartilhar, comentar na fase após a dramatização. Esta função facilita o protagonista perceber, como uma caixa de ressonância, que sua ação psicodramática tornou ele mesmo o protagonista coletivo.

Uma sessão de psicodrama pode ser dividida em três etapas distintas, quais sejam, aquecimento, dramatização e o compartilhar. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Aquecimento é a primeira etapa da sessão, serve de preparação para a escolha do protagonista e também para a dramatização. Num primeiro momento tem-se o **aquecimento inespecífico**. O inespecífico é o momento onde surge o protagonista, o qual pode ser uma pessoa ou um conjunto de pessoas da própria sessão, quando a mesma for em grupo. O **aquecimento específico**, que vem na sequência, é a preparação do próprio protagonista para entrar na ação psicodramática. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Após o aquecimento, segundo os mesmos autores, vem a segunda etapa que é a **dramatização**, onde ocorre a ação dramática propriamente dita. O protagonista, que estará aquecido, começa a representar num contexto dramático, as figuras de seu mundo interno se trazendo no aqui e agora seus conflitos no cenário. É nesse momento que o ego-auxiliar se torna uma figura importante, o qual terá a função de ajudar o protagonista a perceber os aspectos dos elementos presentes na ação psicodramática de forma incisiva. Essa etapa termina quando o protagonista consegue elucidar, encaminhar ou resolver o conflito exposto.

O **compartilhar** é a etapa final da sessão. É o momento em que cada participante compartilha como o protagonista seus sentimentos, emoções, conflitos e vivências de conflitos semelhantes. É muito importante que nesse compartilhar não sejam comentários críticos ao protagonista. No compartilhar existe ainda duas outras etapas: elaboração e o processamento. A elaboração, que tem finalidade terapêutica, pode ser feita logo após a etapa compartilhar ou no início da próxima sessão como parte do aquecimento inespecífico, onde o diretor rememora com o

protagonista o que ocorreu na dramatização com a finalidade de auxiliá-lo no entendimento do conteúdo expresso. O **processamento** se dá apenas para grupos ligados ao ensino do psicodrama. É um tipo de elaboração, que se refere aos aspectos técnicos da sessão quanto do processo do indivíduo. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

2.3.1 Psicoterapia com crianças

Em 1909 Freud atendeu Hans, o primeiro paciente infantil, uma criança de cinco anos de idade. Mais tarde Freud, mesmo tendo ocorrido apenas um encontro entre eles, veio a publicar, o que chamou de o caso Pequeno Hans.

“A primeira análise realizada com uma criança foi a do Pequeno Hans (Sigmund Freud, em 1909) e teve grande importância por demonstrar que os métodos psicanalíticos podiam ser aplicados também às crianças. Naquela ocasião, Freud já mencionava que a criança é psicologicamente diferente do adulto, não possuindo ainda um Superego estruturado. Para ele, as resistências internas que combatemos no adulto ficam substituídas na criança por dificuldades externas. Mas o interesse pela psicoterapia infantil só iria surgir, efetivamente, com os pós-freudianos” (SILVA; SANTOS, 2008).

A primeira referência e pouco citada, em atendimento infantil na psicanálise foi Hermine Van Hug-hellmuth que utilizava as teorias de Freud nos seus atendimentos com crianças. Após Anna Freud, filha de Freud, passou a aplicar as teorias do pai na psicoterapia infantil, onde a técnica era a interpretação dos sonhos, enquanto o brincar era uma técnica secundária utilizando assim os brinquedos para acessar o inconsciente e à interpretação. (FILIPINI, 2014).

Para a psicanálise o brincar tem um papel importante podendo ser representado como uma associação livre da criança. Conforme Lopes (2018, s.p.), “a utilização de atividade lúdica como uma das formas de mostrar os conflitos interiores das crianças foi, sem dúvida, uma das maiores descobertas da Psicanálise”

No decorrer do séc. XX, para Deakin e Nunes (2008), novos atores foram surgindo e contribuindo no desenvolvimento e entendimento com crianças, na prática de atendimento clínico.

No Brasil as primeiras informações, conforme Filipini (2014, p. 23) tem início na década de 1900 como uma psicologia voltada à fisiologia e a psiquiatria médica. Em 1959, no dia 24 de agosto foi inaugurada a clínica psicológica do

Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (IPPUC-SP). A clínica tinha como objetivo: ensino, pesquisa e prestação de serviços. Em 1960 foi inaugurada a Clínica Psicológica Prof. Durval Marcondes, vinculada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Em 1962, no Brasil, foi promulgada a Lei nº 4.119, que regulamenta a profissão de psicólogos e cursos de psicologia favorecendo o percurso da psicoterapia. E na psicoterapia com crianças as intervenções foram diferenciando-se do modelo psicanalítico, inserindo, por exemplo, a psicoterapia breve com crianças.

Assim, a psicoterapia com criança corresponde à realidade da qual ela vive, a realidade social.

2.3.2 A criança na história de J. L. Moreno

Conforme Marineau (1989), nas brincadeiras Moreno refletia suas crenças religiosas, sendo que o seu brinquedo favorito era o papel de Deus, brincava com frequência, junto com outras crianças construíram um palco para representa o céu. Quebrava os móveis e era preciso chamar o marceneiro para fazer o conserto das mesas e cadeiras depois das brincadeiras. Essa acabou virando lenda e contada em várias versões.

Em Moreno (2016, p. 51) encontra-se que, durante a adolescência, entre 1908 e 1911, o criador do Psicodrama tinha o costume de passear nos Jardins de Viena e reunir as crianças, formando grupos, para representações de improviso, sendo que não se tratava de uma filantropia de adultos em prol das crianças, mas sim a favor delas mesmas, de acordo com suas idades e com seus direitos.

As crianças começavam a tomar partido “contra os adultos, as pessoas crescidas, os estereótipos sociais e os robôs e a favor da espontaneidade e da criatividade”. Começou, então, a tratar dos problemas das crianças, permitindo-as brincarem de ser Deus, se quisessem.

De acordo com Marineau (1989), duas razões fizeram com que Moreno se interessasse pelo mundo das crianças: a primeira pelo interesse das crianças por Cristo e a outra pelo fato de ter dado aula particular à três crianças da família Bergner. Uma destas crianças se chamava Elisabeth Bergner e, conforme relato do próprio criador do Psicodrama,

Um dia, uma mãe perturbada veio me ver. Profundamente preocupada com uma filha que era uma mentirosa patológica e baderneira [...] rogou-me que trabalhasse com sua filha, Liesel. A menina estava a ponto de ser expulsa da escola na qual estava sempre causando distúrbios. Tinha contado ao pai mentiras fantásticas a respeito da mãe, causando com isso cenas terríveis no lar [...]. O boato da minha santidade e da minha aparência de profeta tinha se espalhado pela vizinhança [...]. Liesel fez progressos sob a minha orientação. Descobri que tinha um incrível talento dramático e incentivei sua mãe a lhe proporcionar o aprendizado de teatro, o que foi feito. Liesel se tornou Elisabeth Bergner, uma das mais famosas atrizes do teatro alemão do século XX. (MORENO, 1985 apud MARINEAU 1992, p.48).

Moreno trabalhou com Liesel quando ela tinha por volta dos 10 anos. Depois dos atendimentos Liesel começou a gostar da escola, a dar atenção aos colegas, abrindo espaço para a imaginação.

Ainda de acordo com Marineau (1992), Moreno como professor era tolerante e muito aberto, recorria a criatividade, espontaneidade e imaginação do aluno, e que para Moreno o processo de aprendizagem tinha que ser uma experiência global e motivadora. Moreno teve sucesso com alguns estudantes e dificuldades com outros. Os acontecimentos com Bergner repetiu-se com outros estudantes e isto é uma introdução para o conhecimento das obras de Moreno com as crianças.

Moreno gostava de passar seu tempo no Augarden, quando sua família se mudou para Viena, que é um parque público, onde começou a encontrar com crianças e contando-lhes histórias e brincava com elas. J. L. Moreno surpreendeu-se com as crianças que interrompiam o que estavam brincando e juntavam-se a ele, assim como as mães, babás com seus carrinhos e policiais a cavalo.

Marineau (1992) cita o relato de Moreno

Eu ficava no centro, constantemente saía do pé da árvore e me sentava mais alto, num galho. As crianças formavam um círculo, um segundo círculo atrás do primeiro, um terceiro atrás do segundo, muitos círculos concêntricos. O céu era o limite. (MARINEAU 1992 p.51)

Percebe-se que a situação de 'céu aparente' ou 'palco' é o que o leva ao palco psicodramático. Moreno senta-se no local central do contador de história, e, segundo Marineau (1992), Moreno não contava apenas histórias, mas se utilizava do jogo, através do brincar, com as crianças desafiando os valores que foram herdados dos pais e professores. Em pouco tempo a figura de Moreno foi cercado pelas crianças.

De acordo com Moreno (2014), J. L. Moreno através da experiência que teve com as crianças, criou o chamado 'efeito sociodinâmico', uma de suas ideias principais considerando qualquer comunidade. As pessoas decidem quem vai fazer parte de suas vidas por razões aleatórias, isso é o efeito sociodinâmico. Em algumas culturas existe uma predisposição dos homens se sentarem ao lado de outros homens e as mulheres se sentarem ao lado de outras mulheres. Se caso essas escolhas não são aleatórias então há o efeito sociodinâmico.

Ainda de acordo com Moreno (2014, p.133),

Uma das poucas exceções à natureza não aleatórias [...] é a comunidade de bebês em um berçário. Lá J. L., Helen Jennings e seus colegas de trabalho chegaram à conclusão interessantes. [...] final de 1920, reuniram grupos de bebês desde o nascimento até quarenta e duas semanas e colocavam seus berços perto um do outro. Os bebês até cerca de 20 semanas não mostraram sinal de respostas aos bebês nos berços próximos a eles [...] de 28 semanas de idade, os bebês mostraram sinais de desenvolvimento da capacidade para a interação social. [...] com quarenta e duas semanas ou mais podem ser observado olhando para o outro ou olhando em resposta ao ser olhado, chorando quando o outro gritou, sorrindo para o outro bebê ou sorrindo em respostas [...]. Sociograma é uma somatória dos padrões de suas respostas de um para o outro.

Conforme o mesmo autor, o estudo com as crianças na idade escolar também foi benéfico para os professores e funcionários da escola, compreendendo a estrutura dos grupos em sala de aula tanto pelo fator psicológico, educacional e social.

De acordo com Moreno (2016) é fundamental que o psicodrama comece com a criança e a clínica psicodramática pode ser considerada o ambiente escolar que é o jardim de infância. Os professores dos jardins e escolas estão começando a considerar os conceitos sociométricos e psicodramáticos utilizando as técnicas dos papéis, do ego auxiliar, do status sociométrico. Essa educação psicodramática é separada de suas raízes quando a criança sai do jardim e entra na escola primária e no ginásio estendendo-se até a universidade. As implicações psicodramáticas no processo educacional vai se perdendo conforme o aluno, no seu processo acadêmico, vai avançando, resultando-se num adolescente confuso na sua espontaneidade e chegando na fase adulta privado dela.

2.3.3 Psicodrama com criança

Segundo Filipini (2014), o psicodrama com criança era restrito apenas

para maiores de 11 anos, pois somente as crianças maiores teriam a capacidade de trazerem cenas para dramatizarem. Todavia, os psicodramatistas contemporâneos brasileiros atendem crianças de todas as idades.

Gonçalves (1988, p.111) afirma que na psicoterapia psicodramática a criança “tem oportunidade de se expressar e de se relacionar por meio da brincadeira e do jogo”, por tanto o psicoterapeuta tem que ter disposição para brincar e compreender o sentido da brincadeira.

Para que haja um bom funcionamento terapêutico o ambiente tem que ser favorável, dispor de material lúdico para que a criança possa inventar jogos ou brincadeiras e assim se comunica e aprender. De acordo com Filipini (2014), os materiais mais utilizados são os brinquedos de uso comum, por exemplo, casinha, castelo, família de bonecos, bichos, fantoches, jogos, alguns materiais artísticos, tais como, papel, canetas, lápis coloridos, giz de cera, tesoura...sendo que todos os materiais ficam à disposição da criança, mas não precisam ser expostos.

A função principal desses brinquedos: “é de aquecimento, tanto para preparar a criança para o papel psicodramático quanto para mantê-la assim durante a dramatização. Os acessórios que compõem um personagem ajudam-na a manter-se aquecida [...]. Os acessórios estão sempre insertos no projeto dramático cuja ação se dará por meio do jogo de papéis ou dramatização, do jogo em si, do desenho, da construção de um jogo etc.” (FILIPINI, 2014 p.60).

A criança ao utilizar os materiais disponíveis no consultório, gradativamente vai se aquecendo, que é a primeira etapa da sessão psicodramática, no momento que ela está escolhendo os acessórios ela está no aquecimento inespecífico, quando já sabe do que vai brincar, colocando regras, distribuindo papéis está no aquecimento específico e quando colocar em prática a brincadeira ela entra dramatização.

2.3.3.1 Etapas do diagnóstico da criança

Para Filiini (2014), independente da faixa etária, o primeiro contato é feito com os pais ou os responsáveis da criança, com o objetivo de colher dados, anamnese, conhecer as pessoas que fazem parte do seu convívio, isto é, o seu átomo social. E saber qual a queixa que a fizeram procurar a psicoterapia.

Na mesma sessão de anamnese, é feito um contrato quanto a duração das sessões, frequências, participação da família, assim como o comparecimento nas sessões vinculares e algumas vezes há necessidade de encaminhamento para outros profissionais como pediatria, psiquiatria, psicopedagogia.

No encontro com a criança, de acordo com Kaufman e Gonçalves (1988), também se faz um contrato como foi feito com os pais. Todavia, para elas é explicado o método de trabalho e qual a melhor forma de ajudá-la. É conversado também sobre o sigilo, da vinda dos irmãos etc. e que o objetivo da vinda a psicoterapia é auxiliá-la para lidar com suas dificuldades através dos recursos que ela dispõe tendo ou não a clareza de que eles existem.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo trata da metodologia de pesquisa científica, a qual de acordo com Bernardes (2017), é o caminho utilizado para realização de uma pesquisa e da intervenção. É o modo de preparo. Significa “método + logia, ou seja, o estudo do método. Método = Caminho. Então significa estudar o caminho utilizado para a pesquisa e intervenção” (BERNARDES, 2017, p.114). Para percorrer o caminho há a necessidade de se estabelecer um conjunto de etapas, conforme Quadro 1.

Quanto à natureza, esta pesquisa é classificada como aplicada, a qual conforme Silvia e Menezes (2001), têm como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidas com a finalidade de solucionar problemas específicos. Para Bernardes (2017) todas as pesquisas que envolvem uma intervenção são de natureza aplicada.

Quanto ao tipo, trata-se de uma pesquisa científica, que de acordo com BERNARDES (2017), a fundamentação está embasada no conhecimento específico gerado por um método, teoria, definições, conceitos dentre outros.

Quanto à orientação metodológica, a pesquisa é fenomenológica, pois “o fenômeno é o principal objeto de investigação, utilizando a intuição como método que pode ser compreendido como uma visão intelectual do objeto em estudo.”. (BERNARDES, 2017, p.127).

Já quanto à abordagem do problema é qualitativa, a qual na visão Silva e Menezes (2001), a coleta de dados é feita no ambiente natural e o instrumento-chave é o próprio pesquisador.

De acordo com Gil (2002), quanto à finalidade é exploratória, pois a pesquisa tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, assim como a descoberta de intuições.

O método é fenomenológico já que não se tem uma ideia pré-concebida sobre o problema de pesquisa e só vai ser compreendida quando observada e experimentada.

É uma pesquisa transversal já que o estudo é num período curto de tempo. Sendo que no caso desta pesquisa foi no decorrer dos meses de abril a novembro de 2018. Trata-se também de uma pesquisa-ação porque o pesquisador está envolvido na ação da pesquisa. (BERNARDES, 2017).

O instrumento de coleta é a observação, a qual conforme Silva e Menezes (2001), os dados são obtidos através dos aspectos da realidade, sendo observação assistemática na qual não há planejamento e nem controle previamente elaborados.

Quanto ao tipo de dados é primário, o qual de acordo com Bernardes (2017), é obtido pelo próprio pesquisador a partir de qualquer forma de coletas.

Quadro 1- Caracterização da pesquisa

Natureza	Aplicada
Tipo de Pesquisa	Científica
Orientação Metodológica	Fenomenológica
Abordagem do Problema	Qualitativa
Finalidade	Exploratória
Método	Fenomenológico
Tempo	Transversal
Fonte de Informação	Campo
Meios de Pesquisa	Pesquisa-Ação
Instrumento de Coleta	Observação
Tipo de Dados	Primários

Fonte: Elaborada pela autora com base em Bernardes (2017)

Assim sendo, a autora assume o compromisso de zelar pelo efetivo direito das crianças pesquisadas, garantindo-lhes sigilo dos dados levantados.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta alguns recortes das sessões bipessoal durante o processo psicoterapêutico de quatro pacientes infantis, bem como, a discussão dos resultados.

Os pacientes foram atendidos na Clínica Locus, que é uma clínica de atendimento de psicoterapia, na linha do Psicodrama. Em geral são pacientes atendidos pelo plano da Unimed, localizado no centro de Florianópolis. É uma clínica de dois andares, com cinco salas de atendimentos, que são denominadas pelas cores verde, azul, rosa, lilás e laranja, onde a maioria das crianças são atendidas na sala azul. Todas as salas com preservação de sons, providas de brinquedos das mais variadas formas, tais como, bichos de pelúcia, jogos de tabuleiro, bonecos e bonecas, canetas hidrocores, tinta guache, papéis, lápis de giz, massinha de modelar, fantoches, casinha terapêutica, família terapêutica, bola, carrinho, etc.

Os atendimentos são realizados pela terapeuta, sem ego auxiliar, sendo que geralmente as sessões duram em torno de 45 minutos, uma vez por semana.

Na clínica possui um quadro de sentimentos (como acordei), que a psicóloga utiliza com as crianças para saber como se sentem no início e no término de cada sessão. (Figura 2)

Figura 2 – Quadro dos sentimentos



Fonte: Clínica Locus, 2018 (fotografia da autora)

O nome dos pacientes foram trocados para garantir a confiabilidade e o anonimato de cada um. As mães assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 1) para que eles pudessem participar da pesquisa, sendo que este ficará em posse da pesquisadora.

4.1 CASOS CLÍNICOS

4.1.1 Paciente Bruno

Na sessão de anamnese do paciente Bruno, seis anos, a mãe, manicure, comentou que ele é fruto de um relacionamento muito rápido, sendo que o pai não quis assumir o filho e que não tem nenhum contato com ele. Bruno é filho único, mora com a mãe, a avó materna e o marido da avó (avôdrasto).

A mãe falou que Bruno quando foi para escola, com quatro anos, ficou apenas um dia, pois teve um problema de saúde, persistindo durante dois anos, o que fez com que o paciente fizesse uso de antibióticos. A doença levou-o a ter um período difícil, pois numa semana tomava antibiótico e na outra ficava bem. A mãe relatou que o paciente, apenas em 2018 voltou para a escola.

Procurou a clínica porque seu filho foi diagnosticado, por um neurologista, com TDAH (Transtorno Déficit de Atenção com Hiperatividade) e está medicado com Venvanse (indicado para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças com idade superior a 6 anos, adolescentes e adultos). Todavia, a mãe não segue a recomendação médica e muitas vezes o menino, fica cinco dias sem tomar o remédio. Ainda, a mãe comentou que não tem o hábito de brincar com o filho.

Após a sessão de anamnese, ocorreu a sessão dedicada ao estabelecimento de vínculo, iniciado já na sala da recepção. O paciente ficou à vontade e subiu sozinho para a sala de atendimento, todavia a mãe quis acompanhá-lo, pois ficou muito preocupada em deixá-lo sozinho e queria saber como era a sala, mas ficou pouco tempo, pois a psicóloga pediu para que ela descesse. Na entrada, junto à porta do consultório, há um quadro das emoções. A psicóloga pediu então que Bruno mostrasse como ele estava se sentindo, sendo que ele disse que estava muito feliz. Ele parecia muito ansioso para brincar. Muito curioso, foi abrindo todas as portas dos armários e quis brincar de várias coisas

como casinha, bonecos, carrinhos, bichos. Esse momento encontrava-se no aquecimento inespecífico.

Já, então, no aquecimento específico, Bruno escolheu brincar de casinha, separando os personagens. Enquanto ele separava os personagens e mobiliava a casinha, sentado no chão e montando o cenário, a psicóloga questionava-o:

- Psicóloga: de que você gosta de brincar quando está em casa?

- Bruno: minha mãe não deixa eu brincar. Minha avó briga comigo quando eu brinco, fico só no meu quarto.

- Psicóloga: e quando você brinca com seus pais?

- Bruno: eu não tenho pai, meu pai é muito safado, ele tem dinheiro e não dá nenhum dinheiro para minha mãe. E eu não quero falar dele.

- Psicóloga: e quando tu saís de casa tu brincas com quem?

- Bruno: eu não brinco com ninguém. Minha mãe não gosta de brincar comigo. Tu és a única pessoa que brinca comigo. E eu não quero falar. Vamos brincar.

Bruno sentiu-se irritado com as perguntas feitas pela psicóloga, sendo que a psicóloga o deixou à vontade para brincar.

O paciente ficou muito indeciso no momento de mobiliar a casinha e colocar os personagens não dando tempo para a brincadeira. Quando a psicóloga disse que tinha terminado a sessão e que teria que guardar os brinquedos, Bruno chorou muito. A psicóloga fez um duplo de Bruno e, bem próximo a ele, disse: eu não quero ir embora porque é muito legal ter alguém para brincar. Bruno olha para a psicóloga e deu um sorriso como se tivesse confirmando sua fala.

Na hora de sair mostrou no quadro dos sentimentos que estava muito triste, momento este, que corresponde a etapa que o paciente está compartilhando.

A psicóloga percebeu o paciente como espontâneo e criativo com facilidade de vínculo. Houve uma sessão diagnóstica com a mãe e o paciente para a observação da relação e da dinâmica dos dois.

Na 10ª sessão o paciente chegou aquecido, abraçou a psicóloga, mostrou no quadro dos sentimentos que estava triste e começou a separar a caixa de bicho. Assim, teve início a dramatização.

Bruno assume o papel de dragão e a psicóloga o papel de cachorro,

- Bruno: eu vou ser o dragão

- Psicóloga: eu vou ser o cachorro

- Dragão: eu vou atacar todos os animais.

Bruno, no papel de dragão, começou a morder a cabeça dos animais da caixa.

- Cachorro: socorro porque você está me mordendo? Está doendo a minha cabeça.
- Dragão: eu sou o mais forte, vou matar todo mundo. Vou comer as cabeças de todos os animais.
- Cachorro: dragão você está com fome?
- Dragão: não, estou com raiva.
- Cachorro: vou avisar todos os animais que o dragão está com raiva.
- Dragão: não vai dar tempo, vou matar todo mundo.
- Cachorro: socorro, o dragão está com raiva, vai matar todo mundo.
- Dragão: eu vou atacar todos vocês, não adianta pedir socorro.

Assim, o dragão num momento de fúria começou a mordeu a cabeça de todos os animais.

- Cachorro: Dragão, mas por que você está com tanta raiva?
- Dragão: porque todos os animais tomaram posse das minhas coisas. Eu não gosto que mexam nas minhas coisas.

Nesse momento o dragão fica com mais raiva arrancando a cabeça de um dos animais.

- Cachorro: quem mexeu nas tuas coisas dragão? Quero ser seu amigo e assim posso te ajudar.

Cansado Bruno disse: quero te dizer uma coisa doutora Fernanda, eu estou muito triste.

- Psicóloga: porque tu estas triste Bruno?
- Bruno: vou te contar um segredo, mas tu não podes falar para ninguém. Minha mãe me bateu com o fio do carregador do celular.
- Psicóloga: por que aconteceu isso?
- Bruno: porque eu desobedeci.

Psicóloga: porque tu desobedecesse tua mãe?

Bruno: eu acho muito legal (riso) mas eu não gosto quando ela me bate.

Através da agressividade na brincadeira de comer e arrancar a cabeça de todos os animais Bruno conseguiu, pela espontaneidade e criatividade revelar-se quando diz que desobedeceu a sua mãe, que apanhou.

A partir da agressividade Bruno pode, então, passar por um momento elaborativo, onde se pode perceber que o brincar revelou o conflito existente.

Na sessão que seria a 11ª Bruno não compareceu retornando na semana seguinte.

Na 12ª sessão o paciente, quando viu a psicóloga saiu correndo, abraçou-a e disse que estava morrendo de saudades. Subiu correndo as escadas, mostrou no quadro dos sentimentos que estava feliz e já foi pedindo uma folha branca para pintar e recortar revistas. Enquanto fazia as pinturas e recortava a psicóloga perguntou: você tem amigos no colégio?

- Bruno: tenho alguns amiguinhos, mas tenho um segredo pra te contar 'doutora Fernanda', eu tenho um amigo que vira monstro.

A psicóloga percebe que Bruno ficou irritado e respeitou à vontade dele. O paciente ficou desenhado e recortando o papel aleatoriamente. Após algumas sessões, o paciente saía mais calmo, guardava todos os brinquedos e não chorava mais na hora de ir embora.

Bruno continua em processo terapêutico, porém não mais bipessoal e sim grupal.

Percebe-se, nesse paciente, o quanto estava vinculado com a psicóloga, falando mais sobre o seu dia-a-dia através das brincadeiras de casinha e dos animais.

4.1.2 Paciente Arthur

Na sessão de anamnese do paciente Arthur, seis anos, a mãe, administradora, comentou que seu filho é fruto de um casamento de 18 anos, sendo que ele é filho único. Seus pais se separaram em agosto de 2018. O pai, empresário, é casado e sua esposa tem uma filha adolescente. A guarda ficou com a mãe, mas quando começou a psicoterapia Arthur começou a ficar uma semana com cada um deles por decisão do pai.

Quando se separaram Arthur trocou de escola. Ele era uma criança tranquila, mas depois da separação começou a ter comportamento agressivo, 'respondão' e não respeitava ninguém, mal educado. Seu comportamento mudou gradativamente. Na escola a mãe foi chamada várias vezes por causa do conduta, pois ele não obedecia, andava de um lado para ou outro, era muito inquieto.

Depois da anamnese, na sessão do vínculo, Arthur chegou com o aquecimento específico e pegou todos os soldadinhos, carros colocando-os no chão e mais brinquedos, estava muito eufórico. No final de sessão não quis guardar os brinquedos e não quis ir embora, sendo que sua mãe teve que subir para buscá-lo.

Foram sete sessões de diagnóstico, para poder observar a dinâmica e a relação familiar. Como os pais são separados houveram duas sessões de família, uma com a mãe, o namorado e Arthur, e outra com o pai, a esposa, a enteada e o paciente além da sessão de vínculo, estando em processo terapêutico até o momento.

Na 10ª sessão já vinculado com a Psicóloga, Arthur entrou na sessão e mostrou no quadro dos sentimentos que estava triste. Não quis falar mais nada e convidou a psicóloga para brincar.

- Arthur: Vamos brincar de comando de guerra?

- Psicóloga: como vai ser?

- Arthur: vamos montar os esconderijos (forte) e depois um tem que atacar o outro.

Arthur pegou os soldados e a casinha para ele e a psicóloga pegou os soldados que restaram e cada um montou seu forte. Com o cenário pronto começou a guerra. Arthur, assumiu o papel do guerrilheiro, fazendo movimentos e barulho de tiros.

- Guerrilheiro: eu vou matar todos os teus soldados.

- Guerrilheira: eu vou acabar com os teus soldados, eu tenho muitas armas.

Quando a psicóloga, assumiu o papel de guerrilheira atacava um soldado do guerrilheiro, sendo que Arthur, ficava muito brabo e dizia: isso não vale, fora do seu papel.

- Guerrilheiro: meu batalhão é muito forte, ninguém vai destruir. Meu exército é muito grande. Vou jogar uma granada. (jogava um soldado).

- Guerrilheira: não tem graça, você está matando todos os meus soldados.

- Guerrilheiro: meus soldados são os melhores do planeta.

- Guerrilheira: você matou todos os meus soldados. Não tenho mais soldados para invadir teu exército. E agora o que devo fazer?

- Guerrilheiro: eu sou o vencedor. Eu sou o melhor.

Assim que terminou a guerra. Arthur depois de guardar os brinquedos pediu para a psicóloga papéis. De posse de vários papéis Arthur começou a rasgá-

los em vários pedaços mostrando-se triste e falou para a psicóloga que a professora tinha rasgado o papel que e estava desenhando na sala de aula.

- Arthur: hoje eu estou muito triste, porque a professora rasgou meu papel.

Psicóloga: que papel?

- Arthur: o papel que eu estava desenhando.

- Psicóloga: por que ela fez isso?

- Arthur: porque eu não fiz a tarefa que ela tinha pedido (risada).

- Psicóloga: e o que aconteceu?

Arthur: eu fiquei triste e chorei um monte. E não quero falar mais (Arthur fez uma cara de muito bravo).

A psicóloga respeitou o paciente e na saída perguntou qual a emoção que ele estava sentindo. Ele mostrou que estava feliz porque foi muito legal.

Foi marcada uma sessão com mãe de Arthur, a 14^a. Ela comentou que o comportamento de Arthur vem melhorando a cada dia, que a agressividade diminuiu muito. Está conseguindo respeitar as regras e não está mais respondão como no começo. Na 15^a sessão foi conversado com Arthur que iria passar para terapia de grupo. Arthur ficou bem feliz mostrando no quadro das emoções.

4.1.3 Paciente Francisco

A mãe de Francisco de oito anos, analista de contabilidade, na sessão de anamnese, disse que ele é filho único, de pais separados desde 2010 quando o filho tinha alguns meses. Está tendo um comportamento muito agressivo e sem interesse nas aulas, também comentou que seu filho vê o pai, que é vendedor, dirigindo bêbado, que fuma maconha e já presenciou o pai mandando foto de nudez para a namorada.

Na sessão de vínculo foi feito um trato de que ele escolheria uma brincadeira e iria brincar com a psicóloga por 20 minutos, depois a psicóloga iria escolher outra brincadeira e ficariam mais 20 minutos brincando. O paciente concordou sem problema nenhum.

Foram feitas, na fase do diagnóstico, duas sessões além do vínculo, sendo uma com a mãe e uma com o pai. Não houve a sessão de família.

Francisco é uma criança alta que não condiz com sua idade, parecendo mais velho.

Na terceira sessão, Francisco mostrou-se aquecido e queria jogar futebol. A regra era a psicóloga assumir o papel de jogadora e tinha que driblar Francisco no papel de jogador. Foi construída uma trave com almofadas para ser o gol. Depois de correr de um lado para outro driblando, Francisco, já cansado, pediu um papel e caneta e escreveu no papel a palavra maconha.

- Psicóloga: maconha?

- Francisco: é, meu pai fuma maconha.

- Psicóloga: ele fuma quando vocês estão juntos?

- Francisco: não

- Psicóloga: como sabes que ele fuma maconha?

- Francisco: eu descobri porque fui procurar bala, abri o cinzeiro e encontrei um saquinho, que pensava que era bala, mas depois vi que era maconha.

- Psicóloga: e o que aconteceu?

- Francisco: nada. Meu pai também bebe e dirige e eu sinto muito medo, porque não pode beber dirigindo. Eu não gosto de falar disso. Eu fico muito envergonhado em falar sobre isso.

A psicóloga percebeu o constrangimento de Francisco e o deixou bem à vontade não perguntando mais sobre o assunto.

Na sexta sessão o paciente perguntou se poderia jogar futebol. Na afirmativa da psicóloga começou a dizer as regras e montou o campo e o gol com as traves usando almofada. Uma vez, ele no papel de jogador, chutava a bola e a psicóloga, no papel de goleira, tentava defender. E quando era feito um gol os papéis eram trocados. Mas a psicóloga acrescentou mais uma regra. Quando o jogador fazia gol, o goleiro tinha que fazer uma pergunta sobre os sentimentos. Francisco concordou.

- Psicóloga: o que tu gostas de comer?

- Francisco: gosto muito da merenda da escola.

- Psicóloga: o que tu gostas de fazer quando estás em casa?

- Francisco: gosto de andar de moto.

- Psicóloga: qual a pessoa que tu gostas sem ser tua mãe e teu pai?

- Francisco: gosto muito de uma professora.

- Psicóloga: fala um pouco dos sentimentos que tens pela tua mãe.

- Francisco: sinto feliz, amor, raiva.

A psicóloga percebeu que na hora de falar dos sentimentos que tem pela mãe, Francisco ficava sem vontade de falar e pedia para que trocasse a brincadeira. A psicóloga respeitou sua vontade. O futebol continuou, mas sem as perguntas, deixando Francisco muito mais tranquilo.

Na nona sessão Francisco novamente chegou aquecido e logo escolheu a brincadeira de pegar todas as almofadas e distribuiu na sala. A brincadeira era de 'quente ou frio'. Francisco escondeu uma bola embaixo das almofadas e a psicóloga foi procurar.

- Francisco: está muito frio.
- Psicóloga: e agora?
- Francisco: está esquentando. Está fervendo.
- Psicóloga: achei. Agora eu vou esconder e você vai procurar.

A psicóloga pegou a bola e escondeu para que o paciente achasse.

- Francisco: podes dizer mais ou menos onde está?
- Psicóloga: claro que não, tu não desse pista para mim.
- Francisco: estou perto?
- Psicóloga: muito frio.
- Francisco: e agora?
- Psicóloga: está ficando morno.
- Francisco: e agora?
- Psicóloga: está ficando cada vez mais quente.
- Francisco: eeeee achei

Francisco muito feliz pediu um pedaço de papel. Em pose do papel escreveu algo.

- Francisco: agora não vai ser mais a bola, vai ser uma bolinha de papel.
- Psicóloga: tu vais dar pista?
- Francisco: está perto do armário.
- Psicóloga: estou perto?
- Francisco: está fervendo
- Psicóloga: achei.
- Francisco: tem uma coisa escrita no papel.
- Psicóloga: posso ler?
- Francisco: sim, é um segredo.
- Psicóloga: o que você quis dizer com a palavra sexo?

- Francisco: eu vi meu pai transando com a namorada dele.
 - Psicóloga: onde foi isso?
 - Francisco: esse final de semana eu fui para a casa dele. Ela foi dormir lá. Eu não conseguia dormir por causa do barulho. Aí me levantei da cama e vi os dois transando.
 - Psicóloga: o que aconteceu depois?
 - Francisco: meu pai brigou e obrigou eu a dormir.
 - Psicóloga: e o que você fez?
 - Francisco: fingi que dormi para ele não brigar mais comigo. Não quero mais falar sobre isso. Fico com vergonha.
- Psicóloga: o que aconteceu depois?
- Francisco: eu falei para a mãe e ela fez um boletim de ocorrência na polícia. Vamos brincar de outra coisa?

Psicóloga percebeu que o assunto estava constrangendo o paciente e começaram a jogar futebol.

Na brincadeira de esconder estava o segredo que ele quis revelar, sendo que no momento que ele escreveu no papel a palavra sexo, mostrou-se agoniado para revelar o segredo dando pistas para a psicóloga.

A professora compareceu na clínica para uma sessão (14ª) com a psicóloga, tendo comentado que Francisco melhorou muito, que não tem mais queixa dos funcionários da escola, não está mais sendo chamado na coordenação, está mais participativo e ajudando seus colegas.

O paciente encontra-se ainda em processo terapêutico bipessoal prestes a entrar em atendimento grupal.

4.1.4 Paciente Vicente

Vicente, 10 anos é filho de pai fotógrafo e de mãe professora. Na anamnese os pais comentaram que o filho foi para o colégio, depois do feriado dia do trabalhador no ano de 2018, sem os deveres e começou a passar mal na sala. Depois desse dia passa mal sempre antes de ir para a escola. As seis anos aconteceu alguma coisa com ele quando estava no banheiro com mais duas crianças que eram mais velhas, só que nunca contou para os pais.

Vicente é uma criança adultizada e muito sensível emocionalmente, está sempre colocando-se no lugar do outro, o que acaba anulando suas vontades. Tem uma irmã de 3 anos.

Foram feitas quatro sessões diagnósticas além da anamnese e vínculo. Sendo que três foram de vínculo, pois no primeiro dia da consulta com os pais Vicente acabou vindo. A psicóloga, para não o deixar sozinho na recepção, acabou fazendo o vínculo com ele, deixando para fazer a anamnese na próxima sessão sem a presença do filho. Feita a anamnese, teve outro dia do vínculo.

No primeiro dia do vínculo, foi apresentada a sala ao paciente, deixando-o bem à vontade para que escolhesse algo para brincar ou jogar. Percebeu-se que o paciente não chegou aquecido, pois o aquecimento só se deu a partir do momento do jogo de xadrez.

- Vicente: a senhora sabe jogar xadrez?
- Psicóloga: tu não precisas me chamar de senhora. (risadas entre as duas partes)
- Vicente: é porque a senhora é mais velha. (ficou envergonhado, risada entre as duas partes)
- Psicóloga: eu não sei jogar xadrez.
- Vicente: então o que a senhora, ops, você sabe jogar?
- Psicóloga: vamos jogar xadrez. Tu podes me ensinar, o que tu achas?
- Vicente: então tá, não vou pegar muito pesado.
- Vicente: com muita calma ensinou e deixou a psicóloga ganhar a partida mostrando as peças que deveriam ser movidas.
- Psicóloga: você está sendo muito bonzinho comigo.
- Vicente: eu to te dando chance porque tu não sabes jogar.

Quando a psicóloga falou que o tempo tinha terminado o paciente disse que tinha passado muito rápido. E no quadrado das emoções indicou que estava muito feliz, que gostou muito da sessão.

No segundo dia do vínculo a psicóloga escolhe o jogo do Uno, Vicente não sabia jogar. Durante o jogo:

- Psicóloga: você sabe porque está vindo para terapia?
- Vicente: acho que sim?
- Psicóloga: podes me dizer por que?
- Vicente: porque tenho muito medo de pessoas mais velhas do que eu.
- Psicóloga: por que?

- Vicente: não quero dizer.

- Psicóloga: Vicente quero te dizer que o que tu falares aqui teus pais não vão ficar sabendo, eu tenho que ter sigilo profissional contigo. Tu sabes o que significa sigilo?

- Vicente: não.

- Psicóloga: tudo o que tu falares aqui vira um segredo nosso. Ninguém vai ficar sabendo.

Vicente parecia meio desconfiado. No final da sessão ele disse:

- Vicente: adorei, vou pedir para o pai comprar o Uno.

- Psicóloga: e como você está se sentindo? Mostra pra mim no quadro das emoções.

Vicente mostrou a carinha feliz e disse: nossa passou muito rápido.

Na 10ª sessão, Vicente passou no quadro dos sentimentos e mostrou que estava feliz. Disse que seu pai comprou o Uno e final de semana ficaram jogando. Durante a sessão, propiciada pelo ambiente de espontaneidade advindo do jogo em que a confiança foi estabelecida, Vicente mostrou-se disposto a ensinar a psicóloga jogar e aprender o jogo do Uno, ainda, percebeu que a psicóloga também podia contribuir com ele.

- Psicóloga: Vicente tu queres falar sobre o que aconteceu no banheiro quando tu tinhas 6 anos?

- Vicente: é acho que já está na hora.

- Psicóloga: o que tu falares vai virar o nosso segredo.

- Vicente: tá bom, eu vou falar, acho que já 'tá' na hora. Eu fui no banheiro lavar minha mão. Quando eu tava com a torneira aberta entrou dois meninos mais velhos e ficaram me perguntando coisas que eu não sabia responder e eles começaram a rir de mim.

- Psicóloga: tu lembra o que eles te perguntaram?

- Vicente: não lembro.

- Psicóloga: era algo relacionado a sexo?

- Vicente: não. Eu não lembro. Mas eles riram de mim e eu me senti muito humilhado.

- Psicóloga: como era esse dia? Que dia da semana? Era de manhã ou de tarde?

- Vicente: era no horário da minha aula, de manhã.

- Psicóloga: vamos fazer uma viagem no tempo até esse dia?

Vicente olhou para psicóloga como quem não estava entendendo nada.

Psicóloga: ok Vicente. Você vai deitar nas almofadas e fechar os olhos, vai relaxar e vai rever essa cena na tua mente ok?

- Vicente: tá bom (risada).

- Psicóloga: ok agora relaxa. E vai indo para esse dia. Onde tu estás antes de ir no banheiro?

- Vicente: dentro da sala de aula.

- Psicóloga: o que está acontecendo?

- Vicente: minha mão sujou.

- Psicóloga: o que tu vais fazer?

- Vicente: vou no banheiro.

- Psicóloga: ok, então sai sala e vai até o banheiro.

- Vicente: entrei no banheiro.

- Psicóloga: o que está acontecendo?

- Vicente: estou lavando minha mão.

- Psicóloga: isso vai descrevendo o que acontece até a chegada dos dois meninos.

- Vicente: eles entraram no banheiro e me perguntaram uma coisa que eu não sei responder e estão rindo da minha cara.

- Psicóloga: o que estás sentindo?

- Vicente: muito humilhado.

- Psicóloga: o que tens vontade de fazer? Faz.

- Vicente: tenho vontade de correr.

- Psicóloga: então corre. Mas vais correr todas as vezes que sentires humilhado?

- Vicente: Não.

- Psicóloga: Então volta para o banheiro até o momento que sentes humilhado.

- Vicente: tá.

- Psicóloga: e agora, o que tens vontade de fazer?

- Vicente: eu tenho vontade de bater neles, de chutar eles, mas se eu fizer isso eu vou estar errado também.

- Psicóloga: Vicente tu estás no mundo de faz de conta. Aqui tu podes fazer o que tu quiseres. Então faça o que tens vontade.

- Vicente (risada) está saindo raios da minha mão. To com muita raiva e batendo neles. (risada).

- Psicóloga: isso faz o que tens vontade. O que está acontecendo?

- Vicente: eles saíram correndo.

- Psicóloga: ok, agora respira fundo e bem devagar voltando para o dia de hoje, voltando para a sala.
- Psicóloga: Vicente o que acontece quando tu não levas os deveres para escola?
- Vicente: eu passo mal.
- Psicóloga: por que?
- Vicente: porque eles vão fazer perguntas e eu não vou saber responder.
- Psicóloga: e o que acontece se tu não souberes responder?
- Vicente: meus colegas vão rir de mim.
- Psicóloga: e o que vai acontecer se eles rirem de ti?
- Vicente: vou me sentir humilhado.

Vicente ficou paralisado durante alguns segundos e depois comentou.

- Vicente: faz todo sentido. Minha vida é previsível.

Vicente cai na gargalhada.

Terminada a sessão Vicente aliviado, mostra no quadro dos sentimentos que saiu da sessão surpreso e feliz.

Vicente chegou na semana seguinte dizendo que agora entendia tudo o que acontece na sua vida e tudo está relacionado ao momento do banheiro.

Após essa sessão, seus pais não puderam mais leva-lo às sessões por isto Vicente foi desligado nesta sessão, e com isto a psicóloga não tem notícias de melhora no comportamento de Vicente.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na psicoterapia o vínculo é uma das sessões mais importante, pois de acordo com Filipini (2014) é a que regula a aproximação entre as pessoas e no presente trabalho as quatro crianças encontravam-se bem vinculadas à psicóloga.

As crianças em geral já vem bastante aquecidas para a sessão, o que facilita a etapa do aquecimento inespecífico e muitas vezes em sessão com criança é suprimida. Porém as crianças iam se aquecendo muito rapidamente com o jogo. Exemplo, no caso de Bruno, Arthur e Francisco chegavam a sessão muitas vezes já com o desejo de jogar. E quando isso não acontece a criança é aquecida, o que aconteceu na com Vicente sessão do jogo de xadrez.

Mas já vinculados com a psicóloga, entram na sessão aquecidos sabendo de que querem brincar. Todavia, conforme Gonçalves (1988), o aquecimento

geralmente é inexistente na criança, pois ela já vem aquecida e vai logo para a fase da dramatização que é o momento da brincadeira, onde a criança traz alguns personagens e o argumento.

De acordo com Filipini (2014):

O aquecimento inicial na sessão com a criança pode ocorrer de várias formas: mediante jogos diversos, desenhos, brincadeiras, etc. Esse instrumento pode ser mantido no percurso da dramatização, como uma espécie de pano de fundo onde o drama se manifesta. Ou seja, personagens podem surgir por meio de um jogo de regra ou desenho, e sua passagem para o contexto dramático ocorre sem que necessariamente as atividades se interrompam. (FILIPINI 2014 p.92).

Percebeu-se, também, que além da psicóloga estar vinculada com os pacientes teve também o fator tele, momento em que a psicóloga percebe o que está passando com o paciente durante a sessão e respeita o momento de cada um deles.

Com relação a matriz de identidade, Bruno, Arthur e Francisco encontram-se na fase do reconhecimento do eu, a qual de acordo com Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), é quando a criança se concentra na atenção do outro e estranhando a si mesma. Já Vicente encontra-se no reconhecimento do outro onde ele pode permitir-se colocar no papel do outro.

Bruno, vem de um ambiente familiar não muito favorável, onde não há a presença do pai, mora com a mãe, avó e o marido da avó (*locus*). A *matrix* é motivada pelo fato da mãe e a avó não o deixarem brincar e brigarem com ele quando ele brinca em casa. O *status nascendi* registra a manifestação de uma agressividade crescente.

Salienta-se que no caso de Arthur, o paciente teve uma família bem estruturada por 18 anos, com uma condição estável e que tinha um ambiente tranquilo e sereno (*locus*). A *matrix* é a separação dos pais, sendo que o *status nascendi* é quando ele se tornou brabo.

O *locus* de Francisco é a falta de estrutura familiar, onde os pais se separaram quando ele tinha meses de idade. A *matrix* é o paciente assistindo o pai bêbado e fumando maconha. O *status nascendi* é o desinteresse pelas aulas e a agressividade.

Vicente veio de uma família bem constituída, tranquila (*locus*). A *matrix* é quando ele tinha seis anos quando os meninos mais velhos no banheiro, que foi

humilhado. O *status nascendi* é quando Vicente vai para a escola sem os deveres pronto.

Na dramatização, as técnicas mais utilizadas pela psicóloga foram tomada de papel, como sendo os animais, o soldado. Salienta-se que, também foi utilizado o átomo social, o que fez com que os pacientes deixassem vir à tona seus sentimentos, através das brincadeiras que estavam com raiva e triste, mostradas antes no quadro dos sentimentos.

O compartilhar é a etapa final de uma sessão, que conforme Flipini (2014), não tem importância se a criança verbaliza ou não, pois seus sentimentos estão presentes durante o tempo na sessão. Porém na sala tem o quadro dos sentimentos que foi utilizado em todas as sessões onde os pacientes puderam mostrar o que estavam sentindo.

Foi produtivo apresentar o quadro dos sentimentos, pois serviu como elemento de compartilhamento adequado para a faixa etária, uma vez que as crianças, não apresentam facilidade de manifestarem seus sentimentos de forma exclusivamente verbal como é usual nos adultos. Assim, através das imagens já presentes no quadro, as crianças puderam expressar seus sentimentos de forma mais espontânea. Por outro lado, esse mesmo quadro serviu como um elemento de avaliação para a diretora do quão eficaz havia sido determinada sessão em relação a transformação dos seus estados de humor.

O momento de se revelar aconteceu nas brincadeiras, sendo que com o Bruno ocorreu na brincadeira de dragão, com o Arthur foi quando brincou de guerrilheiro, Francisco revelou-se na brincadeira de quente e frio, já Vivente foi no jogo de xadrez.

Ficou comprovado que é por meio das brincadeiras que a criança estabelece relações do conhecimento de si mesma, do outro e nas relações sociais favorecendo, também, o desenvolvimento da autoconfiança. Assim, é brincando que as crianças se desenvolvem fisicamente e intelectualmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa que teve como objetivo geral 'descrever como o brincar facilita a arte de revelar-se na psicoterapia psicodramática infantil' foi realizada na Clínica Locus entre os meses de abril a novembro de 2018.

Após o exposto foi constatado que o objetivo geral bem como, os objetivos específicos foram atingidos.

No que se refere as atividades de brincar, pode-se afirmar, conforme os autores pesquisados, que o brincar faz parte do dia-a-dia das crianças como uma atividade fundamental para o seu desenvolvimento infantil, ainda é por meio das brincadeiras que a criança estabelece relações do conhecimento de si mesma, do outro e nas relações sociais favorecendo, também, o desenvolvimento da autoconfiança. Assim, é brincando que as crianças se desenvolvem fisicamente e intelectualmente.

Salienta-se que todas as crianças ao participarem ativamente da sessões de psicodrama, criaram vínculos com a psicóloga e se mostraram confortáveis e confiantes durante as sessões de psicodrama, o que a partir deste vínculo de confiança se ergueu a autoconfiança e que elas puderam revelar-se.

A medida em que o vínculo foi se fortalecendo entre a psicóloga e a crianças, estas se revelavam com mais facilidade a partir da teleessensibilidade da diretora e das crianças que permitiu o estabelecimento da empatia e conseqüentemente da tele. O fator tele ocorre em relações não transferenciais, desta forma tais relações propiciaram o desembotamento da espontaneidade, permitindo que a criatividade se manifestasse. A partir da espontaneidade e criatividade as crianças puderam dar uma resposta nova para uma situação antiga (Moreno, 2016), de forma que seus segredos pudessem ser revelados bem como as angustias a eles associadas, observou-se que as crianças se revelaram por meio das brincadeiras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rafael Marques; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Concepção de jogos eletrônicos educativos: proposta de processo baseado em dilemas. *In: VIII Brazilian Symposium on Games and Digital Entertainment*, 2009, Rio de Janeiro.

Anais [...]. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica – Brasil, 2009, p. 1-7.

ANDRADE, Amanda Maria Vieira; CARVALHO, Galena Melo Freire de; PEREIRA, Rosana Santos. **História da criança e sua importância na sociedade**: dos primórdios da idade média aos dias atuais. Disponível em:

https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/TCC_Amanda_Galena_e_Rosana.pdf. Acesso em: 15 ago 2018.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3.

ARIÈS, Philippe, **História social da infância e da família**. 2. ed; Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BERNARDES, Márcia P.. **Metodologia científica e psicodrama**: porque escrever pode ser prazeroso! Florianópolis: Tribo da Ilha, 2017.

BIAZOTTO, Lilian. **A brincadeira e o desenvolvimento da criança na educação infantil**. 2014. 31f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. **Política Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994, 48 p.

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Brasília: MEC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em 09 nov. 2018b.
- BUSTOS, Dalmiro M. **O psicodrama**: aplicações da técnica psicodramática. São Paulo: Summus 1982.
- BUSTOS, Dalmiro M. **Perigo... amor à vista!** Drama e psicodrama de casais. 2a. ed. São Paulo: Aleph, 2001.
- CASTRO, Michele G. Bredel de. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. *In*: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf . Acesso em: 17 mai. 2018.
- CUKIER, Rosa. **Psicodrama bipessoal**: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Ágora, 1992.
- DEAKIN, Elisabeth Kuhn; NUNES, Maria Lucia Tiellet. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. *Rev. psiquiatr. Rio Grande do. Sul* [online]. 2008, vol.30, n.1, suppl. [cited 2018-11-29]. Available from:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082008000200003&lng=en&nrm=iso>.).

DIAS, Victor R. C. Silva. **Sonhos e psicodramas internos na análise psicodramática**. São Paulo: Ágora, 1996, 132p.

ESCOBAR, Ana. **A importância do brincar**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pl1tMCCNjRA>. Acesso em: 01 nov. 2018.

FANTIN, Monica; MULLER, Juliana Costa. As crianças, o brincar e as tecnologias. *In*: SCHLINDWEIN, Luciane M., LATERMAN Ilana, PETERS Leila (Org.). **A criança e o brincar nos tempos e espaços da escola**. Florianópolis: NUP, 2017. p.175-200.

FERNANDES, Diego Moreira et al. Jogos eletrônicos, violência e desenvolvimento moral. **Bol. Academia Paulista de Psicologia** [online]. 2017, vol.37, n.92. p. 94-114. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100008&lng=pt&nrm=is. Acesso em: 15 nov. 2018.

FERRARI, Dalka C. de A..Visão história da infância e a questão da violência. *In*: FERRARI, Dalka C. A.; VECINA, Tereza C. C. (Org.). **O fim do silêncio familiar**. São Paulo: Ágora, 2002. Cap. 17. p. 23-56.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p.2120.

FILIPINI, Rosalba. **Psicoterapia psicodramática com crianças**: uma proposta sacionômica. São Paulo: Ágora, 2014. 151p.

FREITAS, Mariana Duarte. **A importância do brincar na educação infantil**. 2015. 67f. Monografia (Curso de Pedagogia) - Faculdade de Pará de Minas. Pará de Minas, 2015.

GOMES, Debora. História da criança: breves considerações sobre concepções e escolarização da infância. *In*: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Curitiba, 2015. **Anais** [...]. Curitiba: EDUCERE, 2015, p. 21838- 21852.

GONÇALVES, Camila S. Técnicas básicas: duplo, espelho e inversão de papéis. *In*: MONTEIRO, Regina F. (org.). **Técnicas fundamentais do psicodrama**. SP: Ágora, 1998.

GONÇALVES, Camila S; WOLFF, José Roberto; ALMEIDA, Wilson C. **Lições de Psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. 10. Ed. São Paulo: Ágora, 1988.

GONÇALVES, Camila Salles. **Psicodrama com crianças**: uma psicoterapia possível. São Paulo: Ágora, 1988, 150p.

HENICK, Angélica Cristina; FARIA, Paula Maria Ferreira de. História da infância no Brasil. *In*: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Curitiba, 2015. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE, 2015, p. 25824- 25834.

KISHIMOTO, Tizuko M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, Belo Horizonte, 2010. **Anais [...]**. Belo Horizonte: MEC, 2010. p 1-20.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KIYA, Marcia Cristina da Silveira. **O uso de Jogos e de atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem**. Produção Didático-Pedagógica - Professor PDE/2014. Ortigueira, Disponível em: 014/2014_uepg_ped_pdp_marcia_cristina_da_silveira_kiya.pdf. Acesso em: 5 nov. 2018.

KRAMER, Sonia (Org.). A infância e sua singularidade. *In*: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Cap. 2. p. 13-24.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIRA, Natali Alves B.; RUBIO, Juliana de Alcântara S.. A importância do brincar na

educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 5 – nº 1 – 2014. p.1-22.

LOPES, Rosimeri Bruno. **Uma revisão sobre a psicanálise infantil**. Disponível em: <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/uma-revisao-sobre-a-psicanalise-infantil>. Acesso em: 27 nov. 2018.

LORENCINI, Beatriz D. B.; FERRARI, Dalka C. de A.. Oficinas de prevenção. *In*: FERRARI, Dalka C. A.; VECINA, Tereza C. C. (Org.). **O fim do silêncio familiar**. São Paulo: Ágora, 2002. Cap. 17. p. 228-260.

MAFRA, Paulo Henrique Vasconcelos. **A importância do brincar para a formação da criança no âmbito escolar**. Brasília, 2013. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2013.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. Campo Grande, 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

MARINEAU, René. F.. **Jacob Levy Moreno., 1889 – 1974: pai do psicodrama, da Sociometria e da psicoterapia de grupo**. São Paulo: Ágora, 1992, 200p.

MIRANDA, Cássio Eduardo Soares, COHEN, Ruth Helena Pinto. O brincar como modo de tratamento ao real da doença. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 13, n. 1, p. 205-214. 2013.

MONTEIRO, Regina F. Técnicas históricas: Teatro da improvisação “espontâneo” e jornal dramatizado “jornal vivo”. *In*: MONTEIRO, Regina F. (org.). **Técnicas fundamentais do psicodrama**. SP: Agora, 1998.

MORENO, Jacob. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2016, 14 ed. 4492p.

MORENO, Jonathan D.. **Impromptu man: J. L. Moreno e as origens do psicodrama e cultura do encontro e das redes sociais**. São Paulo: FEBRAP, 2014.

NALLIN, Claudia Goes Franco. **O papel dos jogos e brincadeiras na educação infantil**. 2005. 35 f. Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) -

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

NILES, Rubia Paula Jacob e SOCHA, Kátia. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. **Ágora Revista de Divulgação Científica**, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2014.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **A ONU e a população mundial**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acao/populacao-mundial/>. Acesso: 09 nov. 2018.

OPAS/OMS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE/ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Estratégia para acabar com violência contra crianças e adolescentes**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5499:opas-oms-apresenta-estrategia-para-acabar-com-violencia-contra-criancas-e-adolescentes&Itemid=82. Acesso em: 11 nov. 2108.

PETRILLI, Sílvia Regina Antunes. Psicodrama com crianças: raízes, transformações e perspectivas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICODRAMA, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos. 2002, Costa do Sauípe. **Anais [...]**. Costa do Sauípe: Febrape, 2002. p. 1 – 17.

RAMALHO, Cybele M. R.. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. São Paulo: Iglu, 2010, 157p.

SANT' ANA, Sílvia de Andrade. **A importância do psicodrama com crianças na (re)construção de papéis sociais**. 2009. 50f. Monografia (Curso de Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009.

SANT' ANNA, Alexandre; NASCIMENTO, Paulo Roberto. A história do lúdico na educação. **Revmat**: revista eletrônica de educação matemática, [s.l.], v. 6, n. 2, p.19-36, 10 maio 2012. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2011v6n2p19>.

SANT' ANNA, Alexandre; NASCIMENTO, Paulo Roberto. A história do lúdico na educação. **Revmat**: revista eletrônica de educação matemática, [s.l.], v. 6, n. 2, p.19-36, 10 maio 2012. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

SANTOS, Antônio G. **Auto-apresentação, apresentação do átomo social, solilóquio, concretização e confronto.** In: MONTEIRO, Regina F. (org.). Técnicas fundamentais do psicodrama. SP: Agora, 1998.

SILVA, Aline Fernandes Felix da; SANTOS Ellen Costa Machado dos. **A importância do brincar na educação infantil.** 2009. 36f. Monografia (Curso de especialização Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mesquita, 2009.

SOUSA, Guida S. R. B. de; DAMASCENO, Daiane Pereira. A importância da brinquedoteca na aprendizagem infantil. *In: IV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA.* 2012, Campina Grande. **Anais [...].** Campina Grande: FIPED, 2012. p.1-14.

SOUZA, Érica Cristina Santana de. A ausência do brincar na educação infantil de uma escola do município de Santo Estavão. *In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL.* São Cristóvão, 2011. **Anais [...].** São Cristóvão Educação e Contemporaneidade, 2011.

TEIXEIRA, Héliça Carla; Volpini, Maria Neli. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade,** Bebedouro. v. 1, n. 1, p.76-88. 2014.

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 jogos para grupos:** uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 20 ed. São Paulo: Ágora, 1996. 179p.

ZANATA, Josiane Lima; MELLO, Ivani Souza; CARVALHO, Marcos Alberto de. **O brincar, a brincadeira, o jogo, a atividade lúdica e a proposta pedagógica para a educação infantil.** Disponível em:

<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.evento/files/d4e8357e-49c4-44e3-8771-4738a76f8862.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, _____, responsável pelo menor _____, declaro que estou esclarecido(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa “O efeito da massagem terapêutica aplicada no desconforto da região costal” para o estudo, com a publicação e/ou apresentação dos coletados, desde que sejam respeitados os princípios éticos que me foram apresentados pelo pesquisador responsável, a saber:

- O participante tem o livre arbítrio para aderir ou desistir, a qualquer momento, do processo da pesquisa;
- O anonimato do participante será mantido em todos os registros da pesquisa;
- Não serão publicados dados que possam identificar o participante, bem como de pessoas citadas por ele;
- A fonte dos dados encaminhados será de conhecimento apenas do pesquisador e do professor orientador, ficando, sob a responsabilidade destes, apagar a identidade do informante antes de divulgar esses dados;
- A privacidade do participante será respeitada durante o processo, evitando exposição desnecessária ou situações que possam causar constrangimentos;
- Não serão publicados dados que o participante não libere para divulgação;
- O participante não será exposto a riscos de nenhuma natureza que possam ferir sua integridade física, mental e emocional;
- Serão respeitadas as expressões culturais e sentimentais dos participantes em relação ao objeto do estudo;
- O processo da pesquisa não poderá interferir no cotidiano da vida do participante e do local onde está sendo feita a pesquisa;
- Todos os momentos de integração pesquisador-pesquisado serão acordados com antecedência entre ambos e avaliados a cada fim de encontro;
- O estudo será apresentado de forma fidedigna, sem distorções de dados;
- Os resultados da pesquisa serão apresentados ao final da mesma, em forma escrita e defesa pública nas dependências da Locus Psicodrama;
- Os dados obtidos poderão ser divulgados em outros meios, tais como palestras/ou publicados em periódicos.

(Nome do Responsável – RG)

ALUNO – CRP

ORIENTADOR – CRP

(CIDADE), ____ de _____ de _____